



Exposição de 12 de maio
a 11 de outubro de 2009

Museu da Língua Portuguesa

Visitação de terça a
domingo, das 10h às 17h
Estação da Luz, s/n
São Paulo, SP
Informações: 11 3326-0775

França-Brasil: esse diálogo começou cedo. Mal descoberta a terra, armadores bretões e normandos se voltaram para o tráfico de pau-de-tinta, estabelecendo um contato amistoso com os índios que habitavam a costa brasileira. Poucos anos mais tarde, na Baía da Guanabara, era criada a França Antártica. Depois, no Maranhão, em torno do Fort Saint-Louis – origem da capital maranhense –, a França Equinocial. Experiências brevíssimas, é verdade, que contrastam com a duradoura influência francesa em nosso país, mas que fazem parte da História.

No intercâmbio que nossas nações estabeleceram, ao longo dos séculos, cabe, desde logo, um registro particular: o texto “Colóquio de Entrada ou Chegada ao Brasil, entre a Gente do País Chamada Tupinambá e Tupiniquim, em Linguagem Brasília e Francesa”, capítulo da obra *Viagem à Terra do Brasil*, de Jean de Léry. Essa conversa bilíngue entre um francês e um indígena brasileiro apresenta diversos problemas, hoje identificados pelos especialistas. Ainda assim, possui muitos méritos, entre eles o seu pioneirismo, uma vez que o trabalho foi publicado em 1578 – dezessete anos, portanto, antes da famosa gramática da língua tupi, de autoria do padre José de Anchieta.

No trânsito de palavras, uma coisa é certa: a expressiva vantagem dos brasileiros sobre os franceses. Vantagem porque,

juntamente com o enorme número de vocábulos daquele idioma incorporado à nossa língua, foram agregados também ideias, hábitos e até, num certo sentido, a visão do mundo que eles traduzem, pois as palavras nunca chegam sozinhas.

Comemorando o Ano da França no Brasil, o Museu da Língua Portuguesa exibe a exposição **O Francês no Brasil em Todos os Sentidos**. Busca, assim, evidenciar essa trajetória de mais de cinco séculos no plano que lhe é específico: o da linguagem. Para tanto, utiliza alguns dos recursos que o transformaram no museu mais visitado do País: a cenografia, o dinamismo, a interatividade.

Mostra, desta forma, a importante contribuição francesa não só na constituição do falar dos brasileiros, mas também na formação da nossa identidade.

Aos que já têm familiaridade com o idioma francês, a exposição propiciará um feliz reencontro. Já para quem não a possui, ela trará a surpresa da descoberta e o desejo de desvendá-la, até mesmo para conhecer ainda mais a nossa língua portuguesa.

Por tudo isso, é muito bem-vinda a parceria entre o governo do Estado, por meio da Secretaria da Cultura e do Museu da Língua Portuguesa, e o governo da França, por intermédio do seu Consulado Geral em São Paulo, que, com o apoio da *Imprensa Oficial do Estado de São Paulo*, possibilitou esta interessantíssima exposição.

UTOPIA



“Ela ficou um bom tempo em seu ateliê, trabalhando sob a luz de um abajur, em seguida pôs seu maiô e seu cachecol, com uma leve maquilagem, partiu assim, de metrô, para uma reportagem sobre a vida das zebras e dos cachalotes. À noite, voltou à sua palhoça, onde um buquê a esperava feito um fetiche, acompanhado de um jantar que, aliás, degustou como boa *gourmet* que é: um filé mignon com petipué e marmelada de sobremesa. Pôde enfim sonhar, ao som da bossa nova, com o Ano da França no Brasil. Ano que, como a quadrilha, é menos *en arrière* (anarriê) do que *avant toute* (anavantu)!”

Esse parágrafo insólito evoca alguns dos empréstimos e migrações ocorridos entre a língua francesa e a língua portuguesa, e que conta a longa história de contatos entre os dois povos. Memória viva descrita na exposição sobre o Ano da França no Brasil.

Esta exposição é o próprio espírito do Ano da França no Brasil. Ela, certamente, vem falar da França e do francês, mas sempre no espírito da parceria, da troca, da capacidade de criarmos juntos. Não pode haver lugar melhor do que este dedicado à língua portuguesa para se falar de outra língua e de uma cultura

compartilhada. E se revelar para o grande público, no museu mais visitado do Brasil, no qual a juventude de toda a sociedade se encontra e pode descobrir, por exemplo, por meio da dança, que a cultura popular pode se desenvolver a partir da relação França-Brasil.

Trata-se também de falar de uma língua, o francês, que traz consigo valores que, como sabemos, se manifestam com força, de Montaigne e do Século das Luzes a Victor Hugo, valores compartilhados pelo Brasil ao longo de sua história, e que escrevem juntos sempre a mesma palavra: liberdade.

Assim como falar de uma língua, do francês, não como língua parada no tempo, mas em movimento, marcada pela diversidade de suas contribuições, pelas suas aberturas, pois os espaços francófonos chegam à África e às Américas, o que nos aproxima ainda mais do Brasil.

E que esta introdução à língua francesa, à diversidade cultural, seja uma ocasião de aprofundarmos nossos conhecimentos e, ao mesmo tempo, nos conhecermos melhor.

Sou grato a todos aqueles que conceberam este trabalho e ao museu que os acolheu.

Anavantu!



Anavan

No âmbito do Ano da França no Brasil, o Ministério francês das Relações Exteriores e Europeias e, mais particularmente, a direção da diversidade linguística e do francês que represento se orgulham desta magnífica exposição **O Francês no Brasil em Todos os Sentidos**, que ocorre no único museu do mundo consagrado a uma língua: o Museu da Língua Portuguesa de São Paulo.

No Ministério das Relações Exteriores e Europeias, nossa atuação no mundo enquadra-se convictamente na direção da promoção da língua francesa e da francofonia, mas também na promoção da pluralidade linguística e da diversidade cultural.

A exposição que os senhores descobrem é o próprio símbolo do diálogo que queremos estabelecer, enriquecer e compartilhar com nossos amigos brasileiros em prol da diversidade linguística.

O Francês no Brasil em Todos os Sentidos ilustra os laços que unem nossas duas línguas, nossas duas culturas, nossos dois países. São tantos laços entre o francês e o português do Brasil, ilustrados nesta exposição por múltiplos exemplos de empréstimos lexicais e de ideais compartilhados, que traduzem nossas relações densas e frutíferas desde o século XVI.

Hoje, o francês está presente em sua linguagem cotidiana e em âmbitos tão variados quanto a política, a arte de viver e as ciências. Amanhã, queremos contribuir ainda mais para o diálogo linguístico e cultural que está no centro das relações entre nossos dois países.

Somos gratos ao comissariado franco-brasileiro composto por Henriette Walter, Álvaro Faleiros e Benoît Peeters pelo formidável desafio que superaram neste museu, em todos os aspectos de forma excepcional. Agradecemos a nossos parceiros brasileiros que tornaram possível esta magnífica homenagem às nossas duas línguas, e particularmente ao Museu da Língua Portuguesa, que recebe sua primeira exposição de uma língua estrangeira. Como os senhores descobrirão, o francês não é realmente uma língua estrangeira no Brasil...



As relações entre o Brasil e a França já têm mais de quinhentos anos. Desde o seu início, caracterizaram-se pela influência de mão dupla. A vinda do primeiro viajante francês a aportar no Brasil, Binot Paulmier de Gonneville, em 1504, acabou por influenciar muito mais a nobreza francesa do que o Novo Mundo, já que Essomericq, o filho do cacique carijó levado à Europa por Gonneville, acabou por casar com a filha do nobre francês, iniciando toda uma linhagem da nobreza francesa formada da união do nativo brasileiro com a fidalga europeia. Nem os mais criativos romancistas seriam capazes de imaginar um roteiro inicial tão cheio de surpresas.

Poucos seriam capazes de prever, também, que influências teriam os cerca de cinquenta nativos levados por Nicolau Durand de Villegagnon para presentear seus amigos na França, após fracassar na tentativa de fundar, a partir de 1555, a França Antártica ou Ultramarina, uma colônia de franceses nos trópicos, em plena Baía de Guanabara. Afonso Arinos de Mello Franco, no ensaio *O Índio Brasileiro e a Revolução Francesa*, demonstrou como influenciariam Montaigne, que, por sua vez, inspiraria Rousseau e o desenvolvimento de sua "teoria da bondade humana", que tanta importância teria nas bases do pensamento que acabou por desencadear a Revolução Francesa de 1789.

Essa Revolução, por sua vez, seria elemento essencial na constituição do novo estilo literário, o romantismo de **Madame de Staël** e de François-René de **Chateaubriand**, cuja imagem dos índios do Novo Mundo tanto iria influenciar a literatura de Gonçalves Dias ou de José de Alencar, que moldaram, no século XIX, a visão brasileira de seus próprios habitantes originais.

Trata-se, portanto, de um eterno círculo. Os dois países estão, desde 1504, alimentando os respectivos imaginários mutuamente, a ponto de não podermos dizer de fato o que seria da França sem o contato com o Brasil, ou o que seria do nosso país sem a influência francesa.

Durante o transcorrer do século XIX, com a vinda da Missão Francesa e a francofilia dominante da elite brasileira, a cultura francesa tornou-se claramente o paradigma a ser seguido pelos intelectuais brasileiros. Basta lembrar que, quando da fundação da Universidade de São Paulo, já na década de 1930, as aulas eram ministradas em francês. Escritores como Oswald e Mário de Andrade, embora também tenham aprendido muito com a França, já começaram a se opor a essa francofilia desbragada e bastante subserviente.

A segunda metade do século XX iria testemunhar um evidente declínio do prestígio da língua francesa entre nós. Neste início do século XXI é hora, como tanto

sonhou Oswald de Andrade, de propor um diálogo de iguais entre as duas línguas. O Museu da Língua Portuguesa, pioneiro mundial em abordar uma língua, recebe, com muito carinho e em pé de igualdade, esta língua irmã e tão importante para a nossa formação cultural que é a francesa.

O Francês no Brasil em Todos os Sentidos é uma exposição inaugural em muitos sentidos. Além de ser a primeira realização binacional do museu, é também pioneira em não focar uma obra literária ou um autor, e sim uma língua. Por meio da linguística comparada, a exposição propõe um diálogo entre as duas culturas e revela as muitas palavras importadas do francês para o cotidiano da língua portuguesa.

O Francês no Brasil em Todos os Sentidos marca também a primeira exposição que a Poiesis – Organização Social de Cultura produz no Museu da Língua Portuguesa desde que assumiu sua administração, em julho de 2008.

Para que a exposição fosse possível, muitas mãos se juntaram para construir um grande aparato cenográfico, dividido em quatorze espaços expositivos recheados de recursos audiovisuais modernos: mãos dos curadores franceses Henriette Walter, linguista, e Benoit Peeters, teórico, crítico e roteirista; e dos brasileiros Álvaro Faleiros, poeta e doutor em francês, e André Cortez,

cenógrafo.

Além dessas mãos, muitas outras, que nem sempre aparecem, merecem destaque e atenção, como os funcionários do Departamento Administrativo da Poiesis: Cássia Vianna, Regiane Trevelato, Ana Paula Maia, Cleila Teodoro e Fernando Marques, comandados por Jacques Kann. Sem eles, teria sido impossível chegar ao produto final que todos imaginamos.

Nós, da Poiesis, não podemos deixar de agradecer ao governo francês e à *Imprensa Oficial do Estado*, dois parceiros que foram fundamentais para a viabilização do projeto. E também reconhecer o trabalho ímpar do diretor do Museu da Língua Portuguesa, Antonio Carlos de Moraes Sartini, um comandante que esteve sempre atento a todos os detalhes durante a produção da exposição e um perfeito anfitrião quando abriu as portas do museu para nossa ilustre convidada: a língua francesa.

Quinta mostra a ocupar a sala das exposições temporárias do Museu da Língua Portuguesa e sexta exibida desde sua inauguração em março de 2006, **O Francês no Brasil em Todos os Sentidos** faz parte da programação oficial do Ano da França no Brasil, celebrado em 2009.

Como sempre, ao programar esta exposição, o museu aceitou um novo desafio: criar uma exposição binacional e abrir espaço para um outro idioma sem perder seus objetivos.

Mais uma vez, a equipe curatorial escolhida soube superar dificuldades e brinda o público com uma exposição rica em informações, agradável de ser visitada e que, certamente, se converterá em outro novo marco do Museu da Língua Portuguesa.

Os franceses Henriette Walter e Benoît Peeters e o brasileiro Álvaro Faleiros desenvolveram uma mostra em que os pontos de contato entre os belos idiomas francês e português são realçados, de modo que, para centenas de jovens estudantes que visitam o museu e não têm intimidade com a língua francesa, é uma grande surpresa. Já para os inúmeros visitantes que dominam o francês, a visita à exposição é uma grande satisfação, repleta de curiosidades. Vale destacar a cenografia urbana criada pelo jovem André Cortez, que recria uma grande cidade, mistura de Paris e São Paulo.

Como diretor do Museu da Língua Portuguesa, quero agradecer a toda a equipe de criação e produção desta exposição, e também a parceria importantíssima da *Imprensa Oficial do Estado de São Paulo*, nossa copatrocinadora.

Trabalhar nos últimos meses com a equipe do Consulado da França em São Paulo, foi motivo de honra e alegria para todos nós: uma parceria fraternal e muito proveitosa, como se pode observar visitando a exposição.

Quero agradecer, também, à Associação dos Professores de Francês do Estado de São Paulo pelo entusiasmo e apoio. Graças à colaboração desta entidade, durante a exposição, centenas de estudantes de francês de escolas públicas do Estado, vindos de distantes cidades, poderão conhecer a mostra e o museu e ainda participar de atividades de formação com educadores.

Mais uma vez, o governo do Estado de São Paulo, mantenedor do Museu da Língua Portuguesa, realiza uma atividade importante para sua população e para os visitantes do museu vindos dos mais distintos pontos deste grande País.

Finalmente, agradeço às equipes da Poiesis, Organização Social de Cultura e do Museu da Língua Portuguesa, que não mediram esforços e sacrifícios para a concretização de mais esta importante exposição.

Viva o Brasil e viva a França!

O Museu da Língua Portuguesa é o único no mundo dedicado a uma língua: este lugar ímpar, desde sua inauguração, é um sucesso. É, pois, uma honra e uma alegria poder apresentar neste espaço, no quadro do Ano da França no Brasil, a exposição **O Francês no Brasil em Todos os Sentidos**.

Expor uma língua não é fácil. Expor uma língua estrangeira é ainda mais difícil. Mas o francês é, de fato, uma língua estrangeira para os brasileiros? Os elos são tantos que quase poderíamos afirmar o contrário.

Ao longo das sendas da história, tanto o francês como o português sofreram várias influências vindas dos quatro cantos do mundo. As duas línguas conservaram em seu léxico marcas vivas dessas influências recíprocas. Assim, em *paillotte*, *fétiche*, *zèbre*, *marmelade* ou *bossa-nova*, pode-se reconhecer, de maneira mais ou menos evidente, palavras portuguesas que entraram na língua francesa em momentos diferentes da história.

Mais impressionante, talvez, é a surpreendente lista de palavras do português de origem francesa. Com efeito, de acordo com o *Dicionário Etimológico* de Geraldo da Cunha, em 9.500 palavras vindas de línguas estrangeiras, o francês é, de longe, a primeira, com aproximadamente 5.400 palavras. Sem falar das raízes latinas comuns, a língua francesa habita a língua portuguesa em diferentes áreas: a cozinha, a moda, a dança, a política e as ciências.

A língua é certamente um fenômeno complexo que diz respeito à história e à geografia, à psicologia e à política, à criação e à técnica: os cinco séculos de contato entre as literaturas e as culturas francesa e brasileira não poderiam, pois, ser esquecidos. Mesmo se os franceses ocuparam a costa brasileira duas vezes – Rio de Janeiro (1555-1567) e São Luís (1612-1615) –, é sobretudo no momento de formação da literatura nacional, no século XIX, que as ideias de autores como Chateaubriand e Victor Hugo tiveram um papel decisivo. Afirmação válida também para o momento de consolidação de nossa literatura, em que os modernistas digeriram as vanguardas europeias.

Mas os elos entre as culturas francesa e brasileira devem-se também a personalidades de prestígio, como os dois monumentos centenários que são Oscar Niemeyer e Claude Lévi-Strauss. É tão difícil compreender Niemeyer sem seu diálogo com Le Corbusier e a arquitetura francesa quanto a antropologia de Lévi-Strauss sem sua longa vivência com os índios Nambikwara, nos anos 1930.

Diversificada, viva, lúdica, interativa, a exposição **O Francês no Brasil em Todos os Sentidos** é, enfim, dedicada não só a todos aqueles que nos séculos passados, mas, sobretudo, a todos aqueles que, neste século XXI, reinventam os intercâmbios entre o francês e o português do Brasil.



Poá >>

Ortografia brasileira para pois, que quer dizer 'ervilha'

daí vem o padrão de bolas.

Renda Chantilly >>

enda feita na Europa, inclusive na cidade francesa de Chantilly.

Crepe >>

Crêpe, em francês, é 'crespo, enrolado'

como os tecidos enrugados de mesmo nome.

Musselina >>

mesmo se mousse 'espuma' em francês.

»
O FRANCÊS
NO BRASIL → → → →
« « « « « « EM TODOS
OS SENTIDOS



A exposição **O Francês no Brasil em Todos os Sentidos** visa sensibilizar o público para a enorme presença da língua francesa na língua portuguesa. Consideramos aqui dois grandes eixos, apresentados a partir do conceito de cidade, lugar de troca e comunicação. Por isso, na entrada, o visitante depara logo com o **Trânsito das Palavras**, todas espalhadas num luminoso viaduto.

Inicia-se então o primeiro eixo, que trata das pessoas, razão de ser das palavras. Daí o **Painel Histórico** com momentos-chave da presença francesa no Brasil, seguido do **Corredor dos Poetas**, onde há exemplos do confronto produtivo entre a literatura brasileira e francesa, desde o romantismo até o concretismo. O corredor desemboca na **Praça**, espaço de manifestação, ilustrada por termos das ciências humanas e pela relação existente entre o existencialismo de Sartre, a revolta estudantil de maio de 1968 em Paris e as canções de Caetano Veloso. Da Praça vai-se para o **Mundo**, habitado pela diversidade dos falares do francês e pelos rostos que ela tem. Convidado a tomar um “trem para Paris”, o visitante redescobre a **Estação da Luz**, Luz como a cidade de Paris.

O segundo eixo é composto por quatro assuntos em que a presença das palavras do francês é especialmente marcante: ciências, dança, moda e gastronomia. No **Gabinete das Ciências**, surgem bocas que pronunciam palavras em francês porque podem ser assim mesmo compreendidas. Mas há outras palavras cujo sentido engana, por isso o **Bulevar dos Falsos Amigos** ao lado do Gabinete. Segue-se pelo universo da dança, onde reencontramos os passos do **Balé** e da **Quadrilha**. Depois vem a Moda, com suas marcas, texturas e dobras, e chega-se ao **Bistrô**, espaço da gastronomia. Para concluir, voltamos à história, mas agora à **História das Palavras**, contada pela linguista Henriette Walter, pois, afinal, as línguas viajam no tempo e agora é tempo de descoberta.

O FRANCÊS
NO BRASIL → → → →
« « « « « « EM TODOS
OS SENTIDOS







Num dicionário de português do Brasil de aproximadamente 40 mil verbetes, dentre as palavras de origem estrangeira, é o francês que ocupa, de longe, o primeiro lugar: de um total de 9.500 palavras de origem estrangeira, há cerca de 5.400 de origem francesa, muito à frente do tupi (com aproximadamente mil palavras).

1505
Início do Intercâmbio Comercial
Gonneville aporta em Santa Catarina e dá início a um intercâmbio comercial de quase dois séculos.

1555 » 1567
França Antártica
Os franceses comandados por Villegagnon ocupam o Rio de Janeiro.

1612 » 1615
França Equinocial
No litoral maranhense, os franceses constroem o forte de São Luís, cujo nome é uma homenagem ao rei Luís XIII.

1644
Origem da Guiana Francesa
A fronteira do Brasil com esta região francesa é feita pelo Rio Oiapoque.

1789
Revolução Francesa
Os ideais desta Revolução influenciada pelo Iluminismo inspiram movimentos de independência no Brasil.

1808
Vinda da Família Real Portuguesa
D. João VI e sua corte se instalam no Rio de Janeiro, depois da invasão de Portugal por Napoleão.

1816
Missão Artística Francesa
Vem para a corte de D. João VI no Rio de Janeiro um grupo de artistas que introduz o estilo neoclássico no Brasil. Os integrantes mais famosos são os pintores Debret e Taunay, além do arquiteto Montigny.
1888 - Instituto Pasteur de Paris
A sua construção contou com a ajuda financeira do francófilo Pedro II.

MARIA ANTONIETA É DEGOLADA PELA REVOLUÇÃO FRANCESA

1903
Instituto Pasteur de São Paulo
É inaugurado, em São Paulo, o Instituto Pasteur, prova da enorme influência francesa nas ciências. Inspirado no famoso Instituto Pasteur de Paris, inaugurado em 1888.

1934
Fundação da Universidade de São Paulo
Um grupo de jovens intelectuais franceses tem papel decisivo na fundação da Universidade de São Paulo.

1960
Inauguração de Brasília
Em diálogo com os trabalhos de Le Corbusier, Niemeyer concebe Brasília.



Estampar no espaço um tempo não-linear em que homens e fatos, também os momentos e ideias que estão por trás deles, tecem uma pulsante rede de encontros.



Verso e reverso: presença francesa na poesia brasileira

As relações entre o Brasil e a França são intensas há séculos e perpassam tanto a política como as ciências humanas e as artes. Essa relação, com suas tensões e distensões, faz-se sentir também na poesia. Nas linhas que seguem, identificamos alguns dos momentos marcantes dessa presença na história da poesia brasileira, a saber, o Romantismo, o Simbolismo, o Modernismo e o Concretismo, já devidamente estudados por autores como Antonio Candido, Benedito Nunes e Leyla Perrone-Moisés. Nosso intuito é, pois, apenas retomar as grandes linhas do trajeto, centrando-nos, sobretudo, na poesia.

Mesmo se a presença francesa em terras brasileiras vem desde o Século XVI, com a França Antártica (1555-1567) no Rio de Janeiro e a França Equinocial (1612-1615) no Maranhão, é no século XIX que ela se torna determinante no mundo intelectual e no mundo das letras brasileiras. Com efeito, a presença francesa se faz mais intensa no início do século XIX, não só com a chegada da Missão Francesa enviada por D. João VI, em 1816, mas devido à chegada de um grande número de artesãos, artistas e comerciantes, que se instalaram no Rio de Janeiro, à época.

O momento mais idílico dessas relações corresponde, na literatura, ao período do Romantismo, que, no Brasil, atinge seu apogeu na segunda metade do século XIX. No caso dos poetas, um dos mais ilustres dentre os românticos brasileiros é Castro Alves (1847-1871), leitor e admirador de Victor Hugo (1802-1885). Sua complexa relação com o poeta francês fez com que Castro Alves não só traduzisse e citasse Victor Hugo, chegando a chamá-lo de “Velho Hugo – Mestre do Mundo! Sol da eternidade!”, mas, em alguns momentos o imitasse. É o que leva José de Alencar, em carta a Machado de Assis, a afirmar:

O Sr. Castro Alves é um discípulo de Vitor Hugo, na arquitetura do drama, como no colorido da idéia. O poema pertence à mesma escola do ideal; o estilo tem os mesmos toques brilhantes. — Imitar Vitor Hugo só é dado às inteligências de primor.

Machado de Assis, em sua resposta, concorda apenas em termos com o colega. Ciente da originalidade do jovem poeta baiano, Machado contesta:

A musa do Sr. Castro Alves tem feição própria. Se se adivinha que a sua escola é a de Vitor Hugo, não é porque o copie servilmente, mas porque uma índole irmã levou-o a preferir o poeta das Orientais.

Leyla Perrone-Moisés corrobora as idéias de Machado e assinala que Castro Alves não o copia simplesmente. Há, em poemas de Castro Alves, modos de sentir e de expressar que desdobram e até chegam a prefigurar procedimentos hugoanos. O fato de o jovem poeta brasileiro introjetar e incorporar procedimentos e temas de Hugo, poeta consagrado, faz com que seja possível encontrar coincidências e confluências na obra de ambos, sem que haja necessariamente uma anterioridade por parte do mestre. Um exemplo é o poema “Aves de Arribação” (1870), de Castro Alves:

E o riacho a sonhar nas canas bravas.
E o vento a s’embalar nas trepadeiras. [...]
No entanto Ela desperta... num sorriso
Ensaia um beijo que perfura a brisa...

Correspondências

Correspondances

A natureza é um templo de onde vivos pilares

nature est un temple ou de vivants piliers

às vezes sair palavras desconexas;

sent parfois sortir de confuses paroles

tas de símbolos o homem atravessa

me y passe à travers des forêts de symboles

li o observam com olhos familiares.

l'observent avec des regards familiers.



Nele, há imagens que se assemelham às de “Cantique de Bethphagé”, de Victor Hugo, que data de 1886, quinze anos após a morte do poeta brasileiro.

L’eau coule, le ciel est clair [...]
A água corre, o céu está claro [...]
Les agneaux sont dans la prairie.
Os carneiros estão nos campos.
Le vent passe et le dit: “Ton souffle est embaumé !”
O vento passa e diz: “Teu sopro está embalsamado!”

Castro Alves, contudo, além de prefigurar imagens hugoanas, dá uma inflexão e um contexto brasileiro aos temas. Uma dessas transformações pode ser verificada no poema “Maria” (1870), em que Castro Alves canta:

Onde vais de tardezinha,
Mucama tão bonitinha,
Morena flor do sertão?
A grama um beijo te furta
Por baixo da saia curta,
Que a perna te esconde em vão...
Mimosa flor das escravas!
O bando de rolas bravas
Voou com medo de ti!

Nele, notam-se reminiscências do poema “Lazzara” de Victor Hugo, datado de 1829.

Comme elle court, la jeune fille! [...]
Como corre a menina! [...]
Elle est jeune et rieuse, et chante sa chanson.
Ela é jovem e sorridente, e canta sua canção.
Et, pieds nus, près du lac, de buisson en buisson,
E, seus pés nus, junto ao lago, de moita em moita,
Poursuit les vertes demoiselles.
Persegue as verdes donzelas.
Elle lève sa robe et passe les ruisseaux.
Ela ergue a saia e atravessa os riachos.
Elle va, court, s’arrête, et vole, et les oiseaux
E vai, corre, para, e voa, e os passarinhos
Pour ses pieds donneraient leurs ailes.
Pelos seus pés até dariam as suas asas.

Em ambos poemas, uma menina corre pelos campos, sensualmente erguendo a saia e provoca a revoada de pássaros. A menina cantada por Castro Alves é, contudo, uma mucama, beleza morena dos sertões brasílicos e provoca o voo de rolas bravas. Há, em Castro Alves, uma especificidade que se contrapõe aos universais “menina” e “pássaros” presentes em Hugo. A natureza da transformação efetuada pelo poeta brasileiro é indício de uma preocupação identitária, fruto contraditório e profícuo da herança romântica francesa, compreendida não apenas como um modelo a ser imitado, mas como uma fonte a ser reelaborada para que o Brasil se constituísse como nação. A consciência dessa reelaboração torna-se mais clara nos anos 1920, com o Modernismo paulistano.

Antes, contudo, a poesia brasileira assimila outra fonte importante da poesia francesa, comumente chamada de Simbolismo e que tem como um de seus precursores Charles Baudelaire (1821-1867). Este poeta, de fato, vai muito além dessa escola literária, pois, não apenas a ele que se atribui o conceito de “modernidade”, mas é o autor do livro de poemas *As flores do mal* (1857), obra fundadora da modernidade literária.

O alcance e originalidade da obra de Baudelaire levaram a diferentes interpretações e assimilações de sua obra no Brasil. Em seu artigo seminal sobre os primeiros baudelarianos no Brasil, Antonio Candido destaca uma assimilação, sobretudo dos aspectos eróticos e macabros da poesia de Baudelaire.

Glória Carneiro do Amaral aproxima também a obra do poeta francês da poética de Cruz e Sousa (1861-1898). Baudelaire estaria, assim, para o Simbolismo francês como Cruz e Sousa para o brasileiro, pois ambos são iniciadores desta estética em seus respectivos países. A comparação dos dois revela a presença de alguns temas comuns, como a mulher negra, a cabeleira, o vinho, a putrefação, as correspondências e a maldição do poeta. Ainda que a maioria das aproximações reflita a leitura erótica e macabra de Baudelaire, dominante à época, encontra-se entre os temas comuns o papel das “correspondências”, título de um dos mais célebres poemas de Baudelaire e uma das razões pelas quais é considerado precursor do Simbolismo. O soneto “Correspondências” de Baudelaire começa com os quartetos:

La Nature est un temple où de vivants piliers
A Natureza é um templo onde vivos pilares
Laissent parfois sortir de confuses paroles;
Deixam às vezes sair palavras desconexas;
L’homme y passe à travers des forêts de symboles
Florestas de símbolos o homem atravessa
Qui l’observent avec des regards familiers.
Que dali o observam com olhos familiares.
Comme de longs échos qui de loin se confondent
Como ecos longos que de longe se confundem
Dans une ténébreuse et profonde unité,
Em uma tenebrosa e profunda unidade,
Vaste comme la nuit et comme la clarté,
Vasta como a noite e como a claridade,
Les parfums, les couleurs et les sons se répondent.
Os perfumes, as cores e os sons se respondem.

Ainda que não chegue a produzir um poema explicitamente sobre o tema das correspondências, Cruz e Sousa reelabora as relações sinestésicas entre a música, os aromas e os sabores que encontra na poesia baudelairiana, como no poema “Atifona”, que abre o seu livro *Broquéis* (1893), considerado pela sua inovação, instaurador de uma sensibilidade poética nova e moderna no Brasil. Nele, encontra-se a seguinte estrofe:

Indefiníveis músicas supremas,
Harmonias da Cor e do Perfume...
Horas do Ocaso, trêmulas, extremas,
Réquiem do Sol que a Dor da Luz resume...

Ivan Teixeira identifica, nos versos acima, um exemplo da lição baudelariana de correspondência, compreendida como “imagem plurisensorial”. Como em Baudelaire, sons, perfumes e cores se correspondem, formando, por analogia, estranhas e sensoriais harmonias. Verifica-se, contudo, em Cruz e Sousa, uma ruptura com a sequência lógica e o abandono de uma compreensão semântica explícita, ainda mais radical do que em Baudelaire e mais próxima, por isso, do construtivismo de Mallarmé. Domina uma vaga sugestão nas relações entre os versos, reforçada pelas insistentes reticências. O único verbo de toda a estrofe apenas “resume” a série de justaposições; o que faz da sintaxe do poema um mecanismo estrutural de sugestão, indício claro da radicalidade inventiva e formal presente na poética de Cruz e Sousa.

Mas, é sobretudo no século XX, com o modernismo paulistano e a antropofagia oswaldiana, que surge uma forma mais brasileira de se pensar e de se elaborar uma poética.

O caso de Oswald de Andrade é ilustrativo, pois o autor, por um lado, preocupou-se com a necessidade de elaboração uma estética nacional e, por outro, estabeleceu um contato contínuo com a Europa, procurando ali fontes de inspiração e esferas de legitimação. A relação dialética e ambígua de Oswald de Andrade faz com que, até hoje, sua teoria antropofágica provoque debates acalorados e divida opiniões; podendo ser considerada tanto uma *boutade* quanto um instrumento precioso para o desenvolvimento de um pensamento propriamente brasileiro.

Não se trata aqui de retomar o debate, mas apenas relembra o contexto no qual se dá a relação entre a poesia de Oswald de Andrade (1890-1954) e a poesia de Blaise Cendrars (1887-1961) que vem ao Brasil, nos anos 1920, a convite de modernistas brasileiros. Mesmo se as relações entre Oswald e Cendrars foram marcadas por encontros e desavenças, verificam-se elementos comuns na poética dos dois autores. Benedito Nunes identifica nos dois a existência de uma dicção prosaica, em que a linguagem tida como literária não tinha mais lugar.

Herdeiros das primeiras vanguardas europeias, ambos reelaboram o seu legado, levando o princípio da invenção ao rés-do-chão; aproximando, assim, o olhar do cotidiano. É imbuído desse espírito novo que Oswald, afirma em seu Manifesto Pau Brasil (1924)

que, “a poesia existe nos fatos”, sentença retomada por Cendrars mais tarde, nos anos 1940, quando afirma: “*La poésie n’est pas dans un titre, mais dans un fait [il s’agit de] poèmes conçus comme des photographies verbales*” [A poesia não está num título, mas num fato [trata-se de] poemas como fotografias verbais]. Há por parte de ambos a vontade de fazer dos poemas documentários. Como nota Benedito Nunes, trata-se de “lembranças de viagem cruzadas”, sobretudo nos livros *Feuilles de Route* e *Pau Brasil*. A comparação dos poemas “*Passagers*” e “*Al mare*” é uma bela ilustração do diálogo existente. “*Passagers*”, de Cendrars, descreve uma cena observada no convés de um navio:

Ils sont tous là à faire de la chaise longue

Lá estão todos eles a praticar espreguiçadeira

Ou à jouer aux cartes

Ou a jogar cartas

Ou à prendre le thé

Ou a tomar chá

Ou à s'ennuyer

Ou a entediar-se

[...] Vieilles femmes desséchées

Velhas senhoras ressecadas

O tom ácido com que Cendrars descreve o comportamento *blasé* da burguesia dedicada a seus passa-tempos menos glamorosos condiz com a maneira com que Oswald trata um tema semelhante, em “Al/ mare”, onde se lê:

0 mar

Canta como um canário

Um compatriota de boa família

Empanturra-se de uísque

No bar

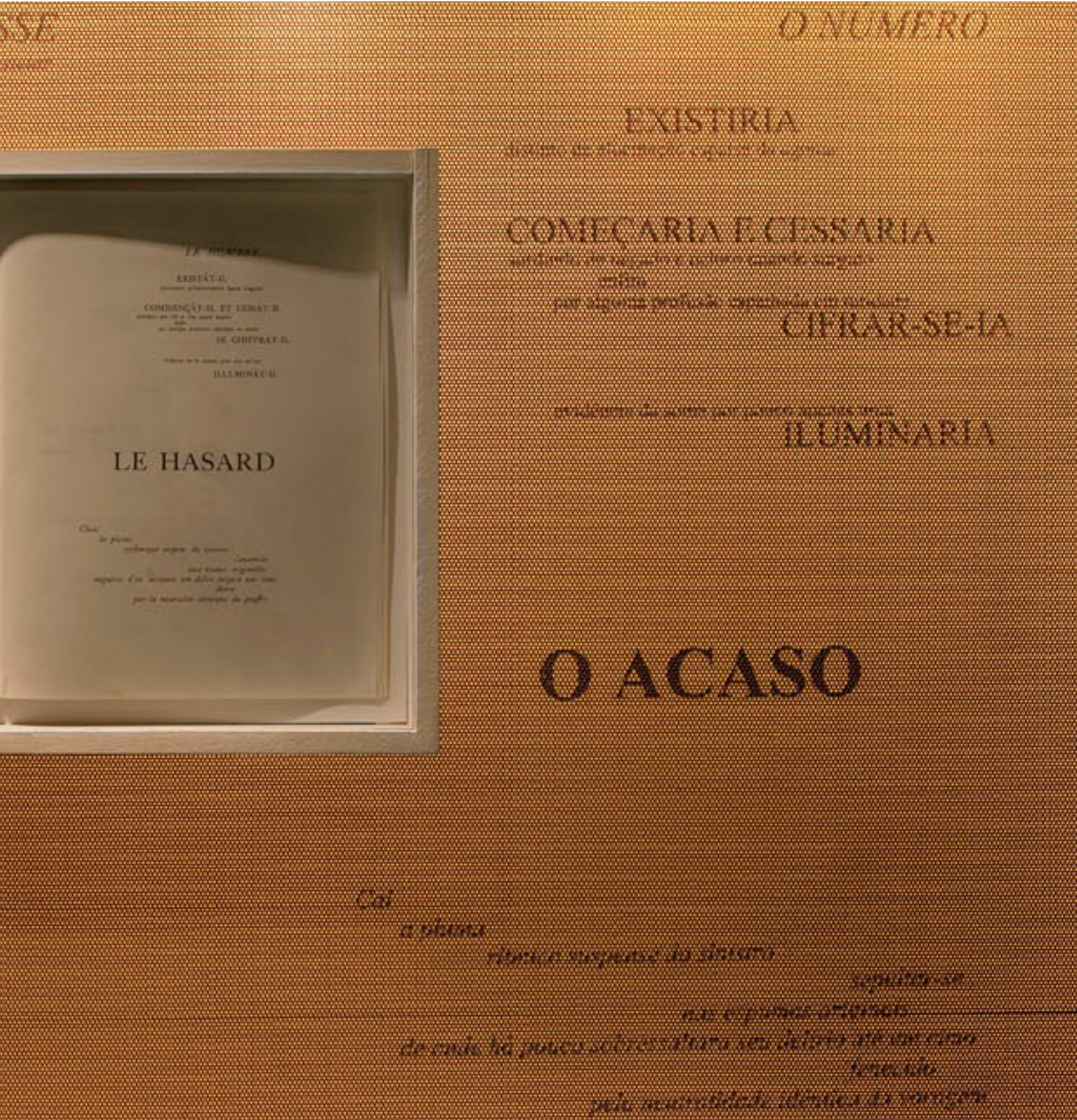
Famílias tristes

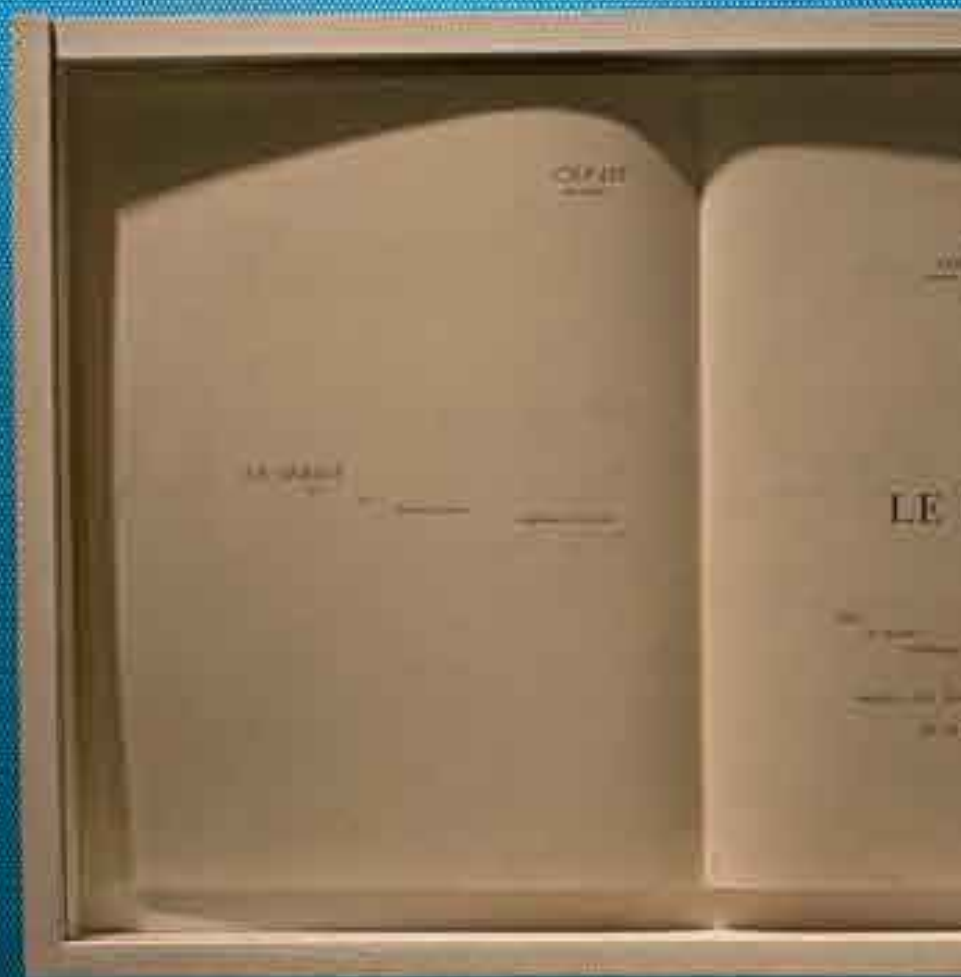
Alguns gigolôs sem efeito

Eu jogo

Ela joga

O navio joga.





Às velhas “senhoras ressecadas” de Cendrars corresponde o “patriota de boa família” oswaldiano que, por sua vez, traz “famílias tristes” bastante próximas daqueles passageiros “entediados” de Cendrars. Oswald, por um lado, consegue ser ainda mais impiedoso, aos monetarizar as relações humanas em suas formas mais vis, ao introduzir em seu quadro tanto “gigolôs sem efeito”, quanto o decadente patriota empanurrado de uísque. Por outro lado, ao referir-se ao jogo, Oswald faz do próprio navio e daqueles que ali se encontram um grande tabuleiro, no qual o enunciador do poema deixa de ser mero observador, enquanto, em Cendrars, o fotógrafo distancia-se da cena.

De todo modo, verifica-se em ambos a velocidade do registro instantâneo, o olhar que passeia pelo convés e esboça, no tempo presente, a cena. Se é verdade que Oswald pode ser visto como um “aluno aplicado” de Cendrars, não se pode negar que sua atitude antropofágica o faz, nesse caso, ir além do mestre ao incorporar, na cena, o próprio observador, também a “jogar”, verbo em que se conjugam os protagonistas do poema: eu, ela e o próprio navio.

É também por um poema onde se encena um naufrágio - “Um lance de dados”, de Mallarmé - que se dá presença francesa no projeto concretista. Não é, contudo, a temática que determina a filiação dos poetas concretistas, mas a disposição espacial do poema mallarmeano. No *Plano-piloto para a poesia concreta*, de 1958, os poetas concretos indicam seus “precursores”. O primeiro é justamente Mallarmé devido ao salto qualitativo que sua “subdivisão prismática da idéia” e a sua utilização de recursos tipográficos como “elementos substantivos da composição”. O que interessava aos poetas concretos era, como descreveu Haroldo de Campos, em 1955, a estrutura pluridivida ou capilarizada concebida por Mallarmé. Tratava-se de romper com uma noção de desenvolvimento linear do poema, substituída por uma organização da matéria poética de certa forma constelar, aberta, circular, múltipla; como se pode notar na seguinte página de “Um lance de dados”.

O NÚMERO

EXISTIRIA

O NÚMERO

EXISTIRIA

diverso da alucinação esparsa da agonia

COMEÇARIA E CESSARIA

surdindo assim negado e ocluso quando aparente

enfim
por alguma profusão expandida em raridade

CIFRAR-SE-IA

evidência da soma por pouco uma

ILUMINARIA

O ACASO

Cai

a pluma

rítmico suspense do sinistro

sepultar-se

nas espumas primordiais

de onde há pouco sobressaltara seu delírio a um cimo

fenescido

pela neutralidade idêntica do abismo

Lançar um olhar sobre a página acima de “Um lance de dados” permite compreender o grau de ruptura que essa proposta representou. Ler e ver estão imbricados: o tamanho das letras, a presença de itálicos, a caixa-alta, a distribuição no espaço não permitem mais uma leitura linear. O leitor é obrigado a percorrer várias vezes o poema, retomando cada rede semântico-tipográfica e desvendando, inventando, tecendo seu texto.

O projeto concreto, contudo, usa de maneira própria o que é proposto por Mallarmé, pois o que está em jogo na poética de Mallarmé, quando se fala em “subdivisão prismática da idéia” é a dissolução do verso. No projeto

vem navio
vai navio
vir navio
ver navio
ver não ver
vir não vir
vir não ver
ver não vir
ver navios

O fato de utilizar como unidade mínima a palavra e não o verso faz com que, de fato, a poesia concreta se aproxime do projeto de outro francês, Guillaume Apollinaire, cujo pensamento poético é também levado em conta por Haroldo de Campos. Apesar das ressalvas feitas ao fato de muitos dos poemas plásticos de Apollinaire serem um tanto tautológicos, uma vez que o desenho reproduz o objeto evocado no poema, uma leitura mais atenta dos *Caligramas* permite vislumbrar em muitos deles um projeto gráfico que se aproxima bastante de alguns poemas concretos. Neles, a iconicidade das letras e a disposição espacial não visam a reprodução de um conteúdo mas são, como na poesia concreta, uma camada significativa constitutiva do poema. Este é o caso de “Carta-Oceano”, para continuarmos na temática marinha (pag. 40).

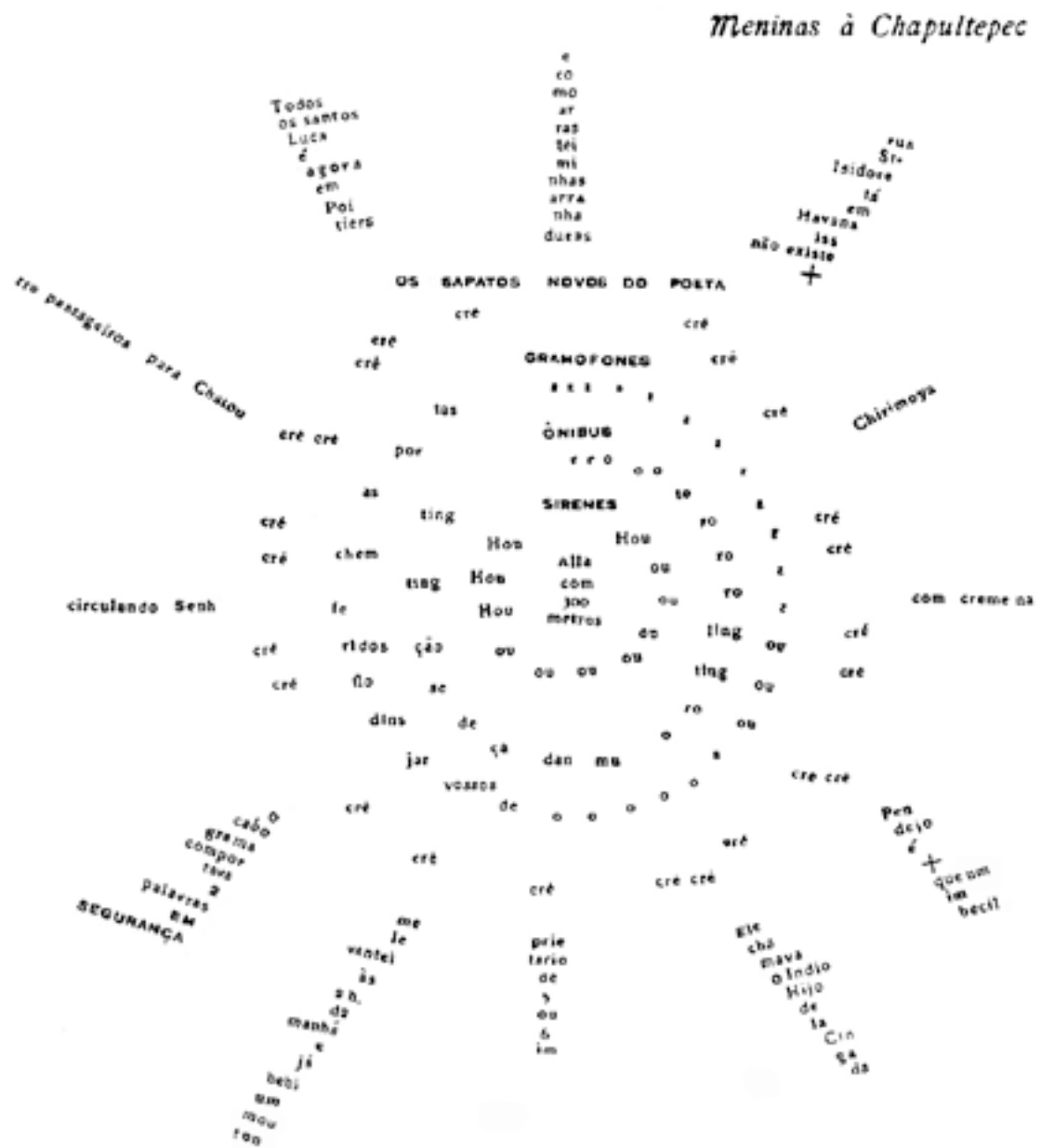
Apollinaire, a partir de uma imagem passível de ser interpretada como uma vista aérea da Torre Eiffel, distribui um conjunto que acontecimentos imagéticos e sonoros. O modo como irradiam desde o centro do círculo faz com esses acontecimentos sejam percebidos de forma simultânea e fragmentada. São desdobramentos em que a autonomia e o caráter aleatório de cada sentença lançada se tensiona com a unidade rítmica, advinda da repetição, ao longo dos raios, de uma certa simetria espacial na distribuição dos fragmentos. O leitor, desse modo, continuamente deslocado, não se encontra diante de uma relação tautológica, mas, pelo contrário, confronta-se com uma estrutura aberta e plural que propõe a ele um gesto leitor plástico e linguístico tão ou mais complexo do que aquele exigido pelos poemas concretos.

Seja Mallarmé, seja Apollinaire, o que está claro é que o projeto concretista se constrói por meio de um diálogo não apenas, mas de forma marcante, com a tradição poética moderna francesa. A espacialidade e a tipografia exploradas pela poesia moderna francesa é um dos fundamentos desse importante movimento de vanguarda brasileiro que, de modo ímpar, desenvolveu uma poética de alcance internacional.

Enfim, esta breve e inevitavelmente lacunar apresentação em mosaico de alguns paralelos poéticos França-Brasil é muito mais um convite a um mergulho nessas interações, mergulho este pautado pelo princípio de que o diálogo em questão não é regido pela lógica da mera influência, mas deve, sim, ser compreendido pelo que se pode chamar de confronto produtivo.

Tu te lembras do terremoto entre 1885 e 1890
dormimos mais de um mês na barraca

BOM DIA MEU IRMÃO ALBERT no México



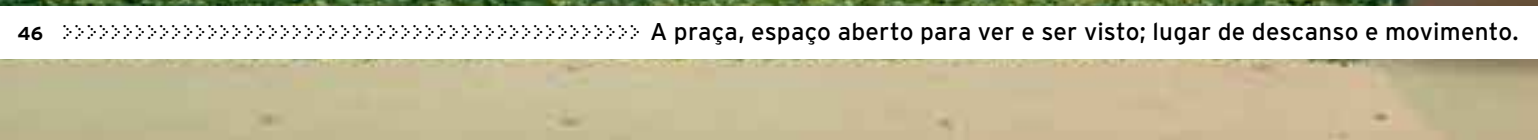
Álvaro Faleiros

Há banheiros bem no meio da exposição. Melhor não negar o espaço. Na intimidade que acarreta, a mensagem rápida das pichações na pluma de Apollinaire e também se ouve, ao fundo, conversas e risos. As meninas confabulam, como ali costumam fazer: “passa o batom, o ruje, o telefone do *bonitom*”...

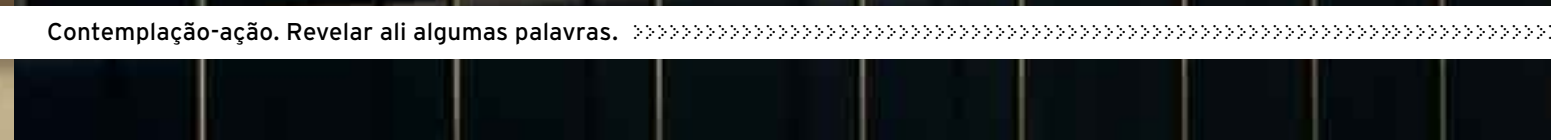


A revolta estudantil de maio de 1968 foi marcante para a juventude brasileira que, em pleno acirramento da ditadura militar no Brasil, via no movimento estudantil francês uma inspiração na luta comum por mais liberdade. Este é o caso de Caetano Veloso, que compôs uma canção inspirada em *flashes* de reportagens sobre as revoltas de maio de 1968 e cujo título veio da foto da pichação *Il est interdit d'interdire* (É proibido proibir). Caetano Veloso também se inspirou em um romance de Sartre, *As Palavras*, para compor uma canção. Uma das últimas frases desse romance é “*nada no bolso, nada nas mãos*”, que Caetano Veloso usou em sua música “Alegria, Alegria”.





Journal of Management Education 36(7) 809–824



A língua portuguesa começou a expandir-se para além das fronteiras de Portugal já no século XIV, chegando primeiramente nos arquipélagos de Açores e Madeira, em seguida na costa africana (Moçambique, Angola e Cabo Verde), para chegar ao Brasil em 1500, antes de se implantar na Ásia (Goa, Macau, Timor-Leste).

Quando os colonizadores portugueses chegaram ao Brasil, falava-se centenas de línguas indígenas, às quais somaram-se outras dezenas de línguas africanas, todas deixando suas marcas no português, língua dominante. Mesmo depois da Independência, o português continuou sendo a principal língua do País, um português que se distingue do português de Portugal.

Quanto à língua francesa, é apenas no século XVI que ela começa a viajar para fora da França. E é sobretudo entre os séculos XVII e XX que ela se espalha pelos quatro cantos do mundo. Primeiramente na América do Norte (Canadá e depois na Luisiana e na Guiana), depois no Oceano Índico, em seguida, no século XVIII, na Oceania, e, por fim, no século XIX, numa grande parte da África. As últimas extensões datam do século XX (Togo e Camarões). Alguns territórios tornaram-se Departamentos Franceses Ultramarinos: Martinica, Guadalupe, Guiana, Saint-Pierre-et-Miquelon, Reunião. A Guiana merece uma atenção especial, pois é hoje a maior fronteira da França com um outro país (no caso, o Brasil). Outras terras são hoje Territórios Franceses Ultramarinos: Polinésia Francesa, Nova Caledônia, Ilhas Marquesas, Tuamotu, Wallis-et-Futuna. Em todos esses lugares, o francês é a língua oficial.

Quanto ao português, ele também continua sendo a principal língua em quase todos os territórios em que foi implantado.



Trem para Paris



A fronteira do Brasil com este departamento francês é feita pelo rio Oiapoque: uma história em comum

_Arionka Capiberibe

A história das relações entre o Brasil e a França na fronteira entre o Amapá e a Guiana Francesa, mais exatamente na região do baixo Rio Oiapoque, data de mais de quatro séculos. Trata-se de uma história marcada por um litígio de fronteira, mas também por uma intensa rede de relações de troca que há tempos vem se dando em diversos planos (linguístico, cultural, econômico...). Essas trocas, mesmo após a definição da fronteira, nunca foram interrompidas.

Na região do Oiapoque, compartilha-se uma história em comum. Desse modo, as influências de parte a parte são facilmente percebidas, e isso se dá sobretudo em relação às línguas, com o empréstimo de termos tanto do português em direção à Guiana Francesa quanto do francês na direção contrária. Mas é principalmente com o *créole*, dialeto proveniente da língua francesa, que a história que conecta esses dois espaços se faz mais presente. Essa língua, há tempos, vem sendo a língua de comunicação entre os povos que na região vivem, língua franca que permitiu e ainda permite o entendimento entre as diferentes etnias indígenas, brasileiros, franceses, guianenses, hmongs, martiniquenses, chineses, entre outros. Sua influência é tamanha que duas sociedades indígenas, os galibi-marworno e os karipuna, que possuem aldeias em ambos os lados da fronteira Brasil/Guiana Francesa, adotaram como língua nativa o *créole*, ou *patuá*, como dizem eles.

Se o Rio Oiapoque separa dois países, é também o caminho que os interliga e que faz com que ambos compartilhem de algo preciso: uma história em comum. Não por acaso, as cidades da fronteira carregam seu nome: Oiapoque/Saint-Georges de l'Oyapoc.

As cores do francês

Há 180 milhões de francófonos no mundo. O francês é falado no Québec, em Rebec, em Flobecq, no Taiti, no Haiti, no Burundi, na Costa do Marfim, no Togo, no Congo, em Bamaco, em Madagascar, em Dakar, em Brazza, em Ruanda e na Guiana; na França, em Pondichéry, nas Índias e na Luisiana. Os índios algonquinos do Estado de Nova York falam francês e também fala-se francês nas entranhas de Montana. Há 180 milhões de francófonos no mundo.
_Julos Beaucarne

Suíça



Bélgica





Bélgica

Há uma variação considerável no francês falado na Bélgica. Mas, para alguns caricaturistas franceses, só existe um, é claro. Basta dizer “*allez! une fois...*” e já somos belgas.

Na verdade, uma série de fatores torna o francês belga tão variado. E o mais importante é o geográfico. A Bélgica é separada por uma espécie de fronteira. Os flamengos no norte e os valões no sul. Essa fronteira dialetal foi atravessada pela língua francesa. O francês, em Bruxelas, ligou-se a falares germânicos e ao flamengo.

Na região da Valônia, o francês encontrou falares *d’oïl*: o valão e o picardo. Vejam todas estas palavras ligadas a especialidades, como a gastronomia, desde o *waterzooï* até as pralinês. Ou de especialidades administrativas: um *bourgmestre* em vez de *maire* (prefeito), um *échevin*, e não um “vice-prefeito”.

_Jean-Marie Klinkenberg



Quebec

Para um quebequense que chega à França e que escuta os franceses falarem, creio que o primeiro sentimento é o maravilhamento, pois os franceses têm uma riqueza vocabular que invejamos.

Um quebequense deve primeiramente aceitar que não fala como um francês. Os franceses que nos escutam pela primeira vez são imediatamente surpreendidos pela melodia da língua, que não é exatamente a mesma. Costumo dizer que, no Quebec, falamos um francês que se chama francês quebequense, com características próprias se o comparamos com o francês da França. Trata-se, pois, de um francês que possui um certo número de traços que nos permite reconhecê-lo e identificá-lo como uma unidade.

Os mais pessimistas qualificam o francês do Quebec como sendo um *joual*, o que me parece inadequado. O *joual*, de fato, é modo de falar muito específico, ou seja, trata-se de um movimento cultural, político e ideológico dos anos 60 e 70 que valorizava um jeito de falar da periferia francófona de Montreal. Considero esse movimento saudável, pois representou uma necessidade de manifestarmos o estado de opressão em que se encontravam os quebequenses: de um lado a pressão do inglês, que nos dominava politicamente, e do outro lado os franceses, que, mesmo sem querer, exerciam uma enorme pressão do ponto de vista cultural. Na escola, ouvíamos com frequência: “Você tem de falar como franceses! Corrija as palavras! Precisamos mudar nosso vocabulário!”

_Claude Poirier



Senegal

_ O francês pertence a quem o fala, e, como falo francês, sou francófono. Sinto-me francês, penso em francês. Dessa maneira, aceito um pouco o sentimento de pertencimento à cultura francesa.

_ Aqui fazemos parte da francofonia, as pessoas, mesmo os analfabetos, compreendem o francês.

_ Falamos francês melhor do que os franceses, pois os franceses não aprenderam o francês. Nós aprendemos francês na escola, o que é bem diferente.

_ Os senegaleses se enriquecem com seu africanismos, ou seja, pensam em wolof e escrevem em francês.

_ O francês é a língua da África, é a língua dos antigos países colonizados pela França. Por exemplo, para conversar com alguém da Costa do Marfim ou da África Central, preciso do francês.

_ Não acredito que o inglês possa abrir as portas para o mundo e que o francês não. Para mim, o francês é uma forma de se abrir, não apenas para o mundo francófono, mas para o universo.

_Vários interlocutores



Suíça

A Suíça é um país multilíngue, com quatro línguas oficiais. Há, primeiramente, a comunidade germânica, que fala um certo número de dialetos, diferentes daqueles falados na Alemanha. Em seguida, 19% de francófonos, 10% que falam italiano e apenas 1% que fala romanche. Os suíços têm uma relação ambígua com o francês falado por eles: um sentimento de insegurança linguística e um certo sentimento de inferioridade linguística. Isso se traduz numa atitude ambivalente: ao mesmo tempo valorizam e depreciam o falar local.

_Marie-José Béguelin

e o primeiro
e com li

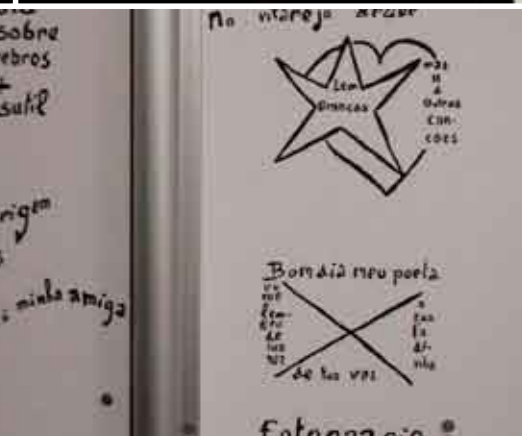
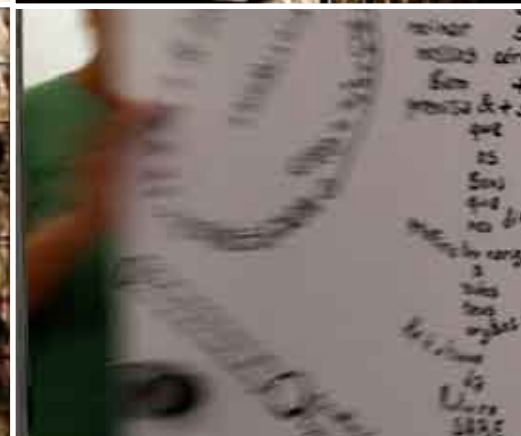
ento é ficar maravilhado
riqueza de vocabulário.

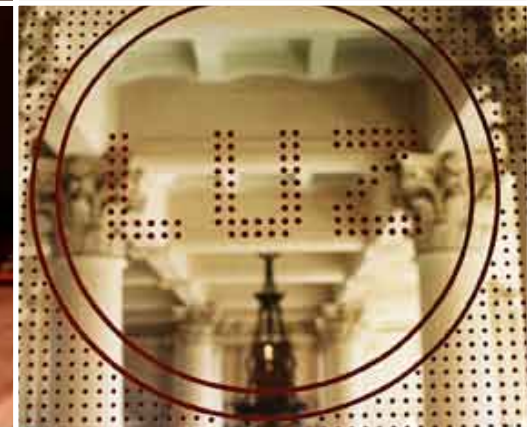


ciudad

Estimán









Alguns empréstimos do português em francês são muito antigos, pois datam da Idade Média, o que é explicado pela presença da Dinastia de Borgonha em Portugal e pela instalação de várias ordens monásticas francesas em abadias, à época importantes centros de cultura. A partir da metade do século XIII, na Abadia de Alcobaça, começaram a ser ministrados cursos de teologia, tradução e gramática. É a época em que são introduzidas em galego-português, ao mesmo tempo, palavras vindas do provençal, como *trobar* “compor versos”, *trobador* “trovador”, *freire* “frei” e palavras vindas do francês, como *chapel*, que posteriormente transformou-se em “chapéu”, ou *vianda*, para “comida”.

Além de vários outros vocábulos, algumas formas gramaticais são também adotadas, dentre as quais o sufixo *-age*, hoje *-agem* (selvagem, mensagem, linhagem...). Enfim, a influência francesa aparece também em formas escritas: as grafias *nh* e *lh* para grafar as consoantes latinas *li* +vogal e *ni* +vogal foram logo adotadas do provençal.

Mas os empréstimos massivos de palavras da língua francesa ocorreram no século XIX. Além de termos do dia a dia (ateliê, abajur, hotel) ou da moda (bijuteria, paletó), destaca-se uma grande maioria de termos técnico-científicos, como:



As palavras que são verdadeiras pegadinhas

Toda língua, cotejada com outra, pode apresentar palavras muito semelhantes na forma, mas parcial ou totalmente diferentes no significado, gerando problemas na comunicação. Assim é que no francês existem palavras que representam verdadeiras armadilhas para o usuário brasileiro, cujo desconhecimento pode até mesmo levar a situações constrangedoras. São os famosos “falsos amigos”.

Essas palavras enganam pela aparente facilidade de compreensão ou de tradução, pois sua forma se assemelha muito ou às vezes é idêntica à forma de palavras da língua portuguesa. A falaciosa equivalência de sentido entre palavras tão parecidas pode ser justificada por diversas razões, na evolução de línguas de duas civilizações ou culturas diferentes colocadas em cotejo. Assim, *subire*, do latim, originou “subir”, em português, no sentido de “elevar-se a um lugar mais alto” e também no sentido de “suportar, sofrer” (sentido figurado), mas, em francês, o mesmo verbo do latim originou o verbo *subir* apenas nesta última acepção, utilizando-se *monter* para o sentido denotativo.

Os estudiosos, entretanto, ainda discutem se para determinada palavra de um idioma ser classificada como falso cognato em relação a certa palavra de

outro idioma ambas devam ou não observar a mesma origem etimológica. Para alguns, como Nascentes (*Léxico de Nomenclatura Gramatical Brasileira*, 1946) e Rónai (*Guia Prático da Tradução Francesa*, 1983), apenas palavras como *amasser*, do francês, que significa “amontoar”, podem representar um falso cognato em relação a “amassar”, do português, porque ambas vieram do latim *massa*. Já Lado (*Linguistics Across Cultures*, 1957), Rector (*Manual de Linguística*, 1979) e Xatara & Oliveira (*Dicionário de Falsos Cognatos Francês-Português/Português-Francês*, 2008) desconsideram a questão etimológica para se referir à mesma problemática, como no caso da palavra francesa *auge*, com o sentido de “coxo, manco”, que veio do latim *alveus*, em relação a “auge”, em português, no sentido de “apogeu”, vindo do árabe *auj*.

Na verdade, a transparência entre palavras de línguas diversas é até possível, no caso dos vocábulos de forma e significado realmente semelhantes. Assim, temos *amour* e *crime*, que correspondem mesmo ao que parecem, ou seja, a “amor” e a “crime”. Mas os cognatos enganosos, sobretudo quando se tratar de contextos ambíguos, podem trazer grandes dificuldades. Por exemplo, ao se perguntar se alguém sabe o *urnom* de outra pessoa, a palavra *urnom* não se esclarece contextualmente, o que leva a pensar em “sobrenome”, ao invés de “apelido”, sua correta equivalência.

Especialmente em relação à língua francesa, podemos ouvir algumas palavras, sem chegar a atentar para sua forma escrita, e sermos levados a equivalentes em português totalmente equivocados, como [burrô] para *bourreau*: não se trata absolutamente de “burro”, que é *âne*, em francês, mas de “carrasco”. O mesmo ocorre com *rousse*, cuja tradução é “ruiva”, e não “russo”, que deve ser *russe*.

<< Bd. Faux Amis
Bl. Falsos Amigos <<

As palavras
nem sempre são
o que parecem...

Outro nível de confusão se dá quando conhecemos o sentido de certas palavras, mas que juntas significam outra coisa: *beau*, por exemplo, significa “belo”, e *père*, “pai”, mas *beau-père* se refere a “sogro”, e não a um “pai bonito”, que não teria hífen em francês. Ou em palavras que compõem expressões, como *hasard*, que significa frequentemente “acaso”, e não “azar”, mas em *jeu de hasard*, *hasard* é “azar” mesmo.

Até pares parônimos como *amende* / *amande* e *dépenser* / *dispenser* podem incitar erroneamente a uma única tradução: “amêndoa” e “dispensar”. Contudo, apenas *amande* e *dispenser* permitem essa correspondência; já *amende* e *dépenser* significam “multa” e “gastar”, respectivamente.

Também se acentuam as complicações quando um equívoco puxa outro, como em *billion*, que significa “trilhão”, e não “billhão”, que deve ser *milliard*. Daí se vê que *trillion* não será “trilhão”, mas um “bilhão de bilhões”, ou que “milhar” não equivalerá a *milliard*, mas a *millier*.

Ressaltemos ainda que o problema dos falsos cognatos não atinge somente iniciantes na aprendizagem de uma língua estrangeira. O emprego de palavras como *humeur* e *humour*, por exemplo, chega a confundir até mesmo quem se encontra num nível de conhecimento mais avançado, uma vez que a primeira refere-se a “humor”, enquanto temperamento, e a segunda, enquanto veia cômica. Outro exemplo de falso cognato que faz usuários com bom nível em francês vacilarem é *versatile*, que significa “inconstante”, e não “versátil”, para o que a língua francesa parece não apresentar equivalente na forma de uma única palavra, mas, sim, de uma paráfrase: *personne aux compétences multiples*.

Enfim, há casos bastante curiosos, como os que seguem:

» *Il fait du chichi*, por exemplo, poderá ser dito para alguém que está fazendo muita “frescura”, mostrando muita “afetação”, o que não tem nada a ver com “fazer xixi” (*faire pipi*).

» A palavra *coco*, além de “coco”, em português, tem mais cinco acepções: “benzinho” (tratamento carinhoso), “cara” (pejorativo), “coca” (forma abreviada de “cocaína”), “comuna” (de “comunista”) e “ovo” (linguagem infantil), mas não corresponde a “cocô”, que em francês é *caca*.

» Nem sempre quem tem belos *costumes* (“ternos” ou “trajes”) tem bons *coutumes* (“costumes”), não é verdade?

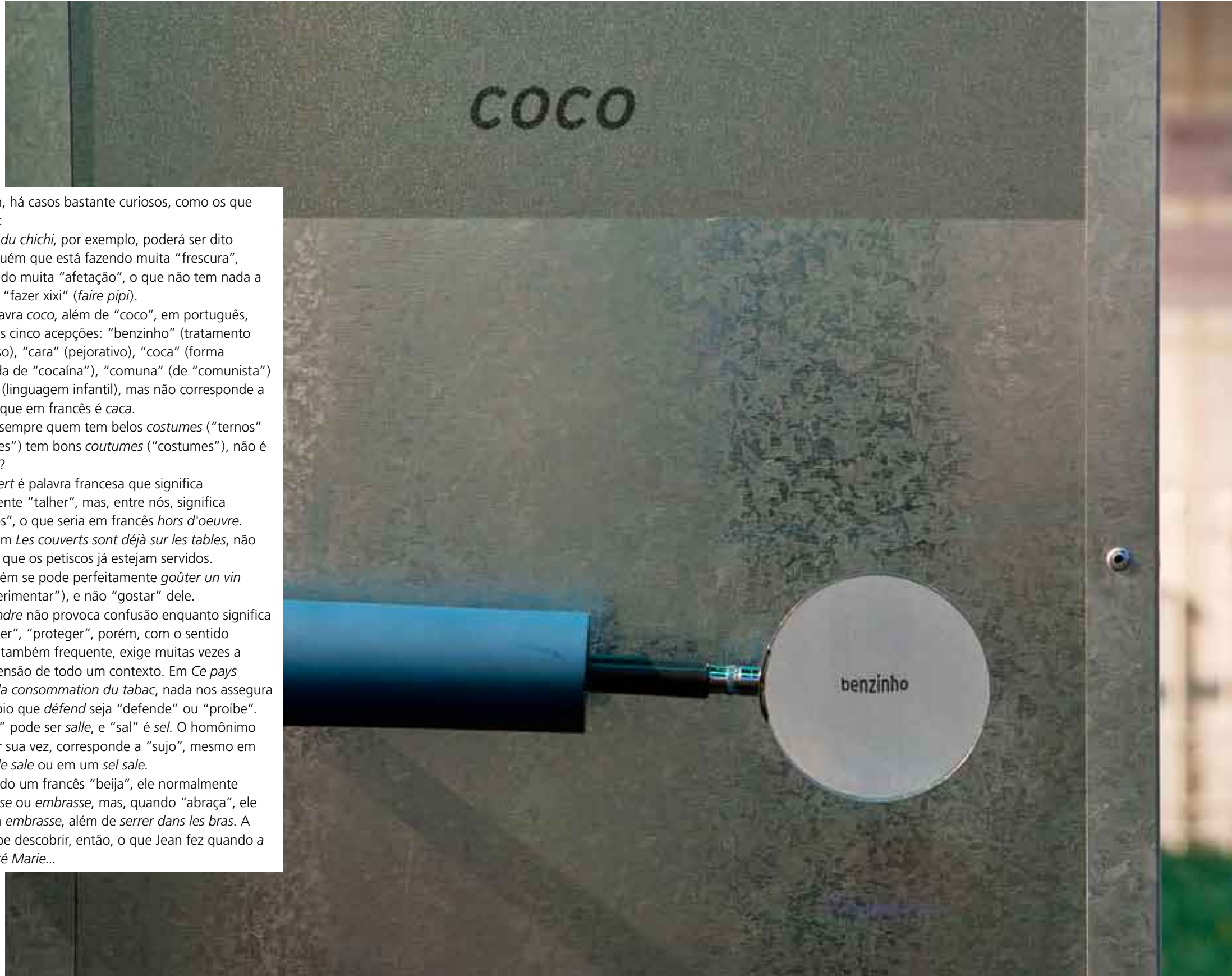
» *Couvert* é palavra francesa que significa comumente “talher”, mas, entre nós, significa “petiscos”, o que seria em francês *hors d'oeuvre*. Então, em *Les couverts sont déjà sur les tables*, não imagine que os petiscos já estejam servidos.

» Também se pode perfeitamente *goûter un vin* (= “experimentar”), e não “gostar” dele.

» *Défendre* não provoca confusão enquanto significa “defender”, “proteger”, porém, com o sentido oposto, também frequente, exige muitas vezes a compreensão de todo um contexto. Em *Ce pays défend la consommation du tabac*, nada nos assegura a princípio que *défend* seja “defende” ou “proíbe”.

» “Sala” pode ser *salle*, e “sal” é *sel*. O homônimo *sale*, por sua vez, corresponde a “sujo”, mesmo em uma *salle sale* ou em um *sel sale*.

» Quando um francês “beija”, ele normalmente *fait la bise* ou *embrasse*, mas, quando “abraça”, ele também *embrasse*, além de *serrer dans les bras*. A você cabe descobrir, então, o que Jean fez quando a *embrassé Marie*...



A dança é um universo marcado por palavras do francês. Difícil encontrar quem não tenha visto alguém fazer um plier, mas nem todos associam a palavra ao gesto, que mostrado e traduzido se revela. Surpresa maior ainda é a quadrilha. Se seu “balancê” e seu “anavantu” já estão popularizados, pouco se sabe que a dança ela mesma se origina nos salões franceses e foi trazida ao Brasil pela corte de D. João VI. O intuito é percorrer estes caminhos.



Balancê

Balancer

Balancando
no ritmo
da música,
o casal
marca
o passo
no mesmo
lugar.



En arrière » para trás
Após entrar no salão,
o par não para o corpo,
mas se mantém constantemente em movimento.





Saut-de-cheval
Salto de cavalo



Pas-de-ciseaux
Passo de tesoura



Pas-de-chat
Passo de gato





O *quadrille* era dançado por um grupo dividido em pares nos salões da França no século XIX.



modotê

moda » » do latim *modus* 'medida' » » em francês *mode*, no masculino 'modo' » » a partir do século XV, no feminino apenas para 'costumes' ou 'estilos'



—Álvaro Faleiros

Última moda em Paris! Frase cheia de glamour. Desde o crochet das avós às mais provocantes lingerie, as palavras francesas da moda habitam nossas vidas e colorem nosso imaginário. Impossível falar da língua francesa no Brasil sem mergulhar nesse vasto universo. Para aproximá-lo do cotidiano, parte-se de espaços urbanos usuais: uma parada de ônibus, um metrô, uma banca de revistas e até a grade de entrada de uma loja. Espaços diversos, como é diverso o seu vocabulário.



matelassé

ciré

capitoné

vitre » vidro

plissé »
"franco lado, relevo de um do outro"
côture »
com relevos

roulotter » "enrolar"
rouleau » "rolo"
roulotter » "fazer um rolinho de tecido"

plissé » "dobra"
plissé » "que recebeu pregas"
plissar » "fazer plissê"

com a base de tecido » "estofado com cores"

de "enrolado"

matelassê

CROCHÊ

LAMÉ

Lamé »
'lâmina' em francês,
brilha como os
fios metálicos
de sua trama.

plissê

matelas : 'colchão' » matelasser : 'acolchoar, estofar'

caput no latim 'cabeça' » capitonner : 'estofar com botões'

côtele

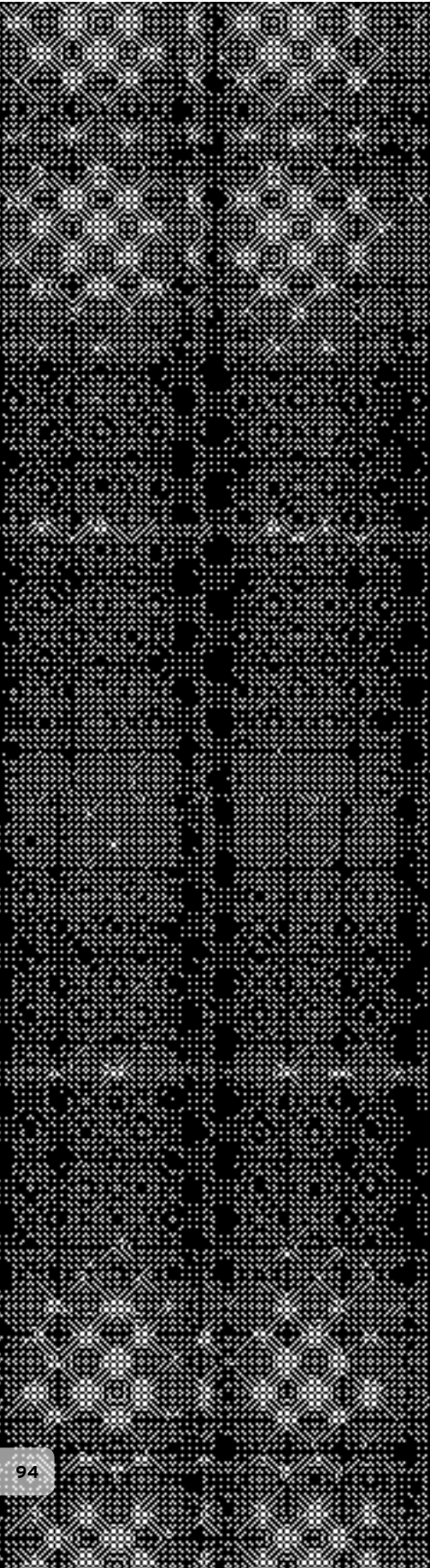
Corruptela de Gênes
nome francês para
Gênova (Itália), onde
marinheiros usavam
calças com este tecido
grosso de algodão.

capitonê

CAMBRAIA

Feito pela primeira vez
em Cambrai, na França.





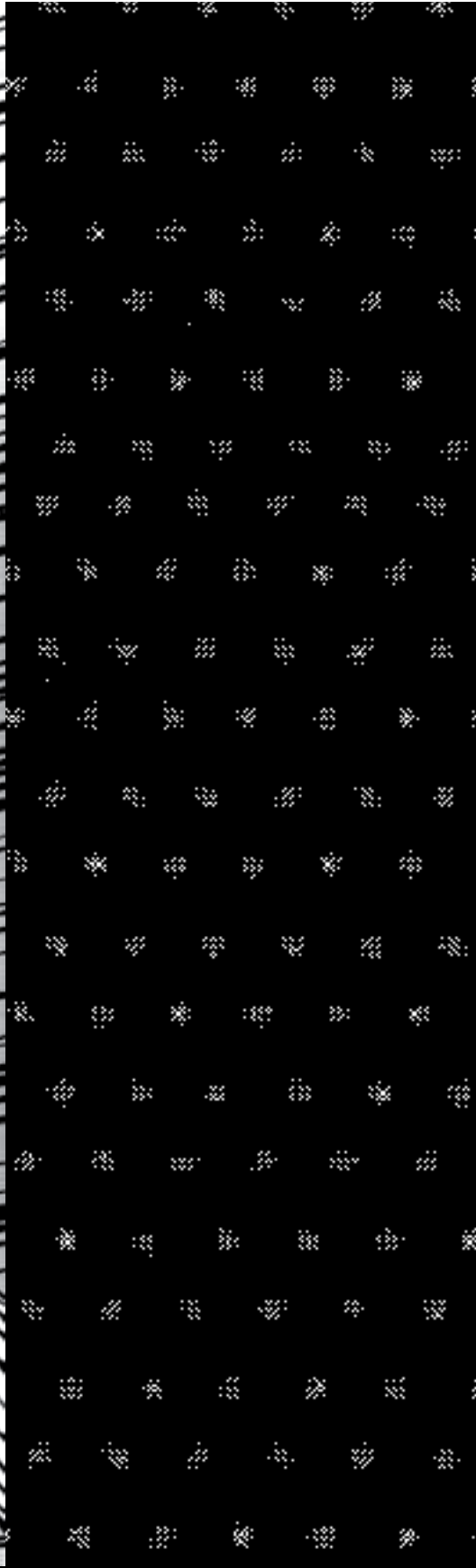
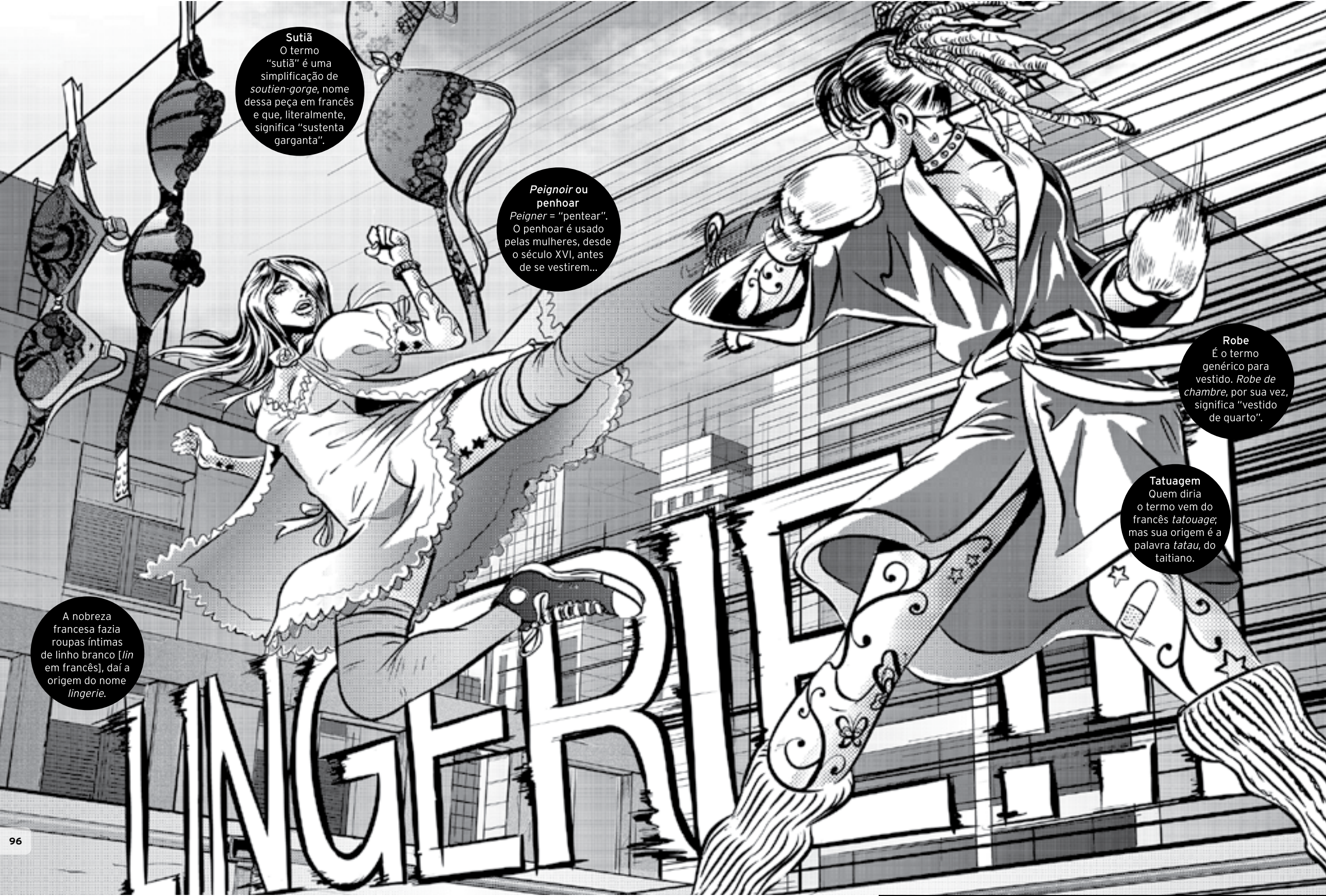
Sutiã
O termo
"sutiã" é uma
simplificação de
soutien-gorge, nome
dessa peça em francês
e que, literalmente,
significa "sustenta
garganta".

**Peignoir ou
penhoar**
Peigner = "pentear".
O penhoar é usado
pelas mulheres, desde
o século XVI, antes
de se vestirem...

Robe
É o termo
genérico para
vestido. *Robe de
chambre*, por sua vez,
significa "vestido
de quarto".

Tatuagem
Quem diria
o termo vem do
francês *tatouage*;
mas sua origem é a
palavra *tatau*, do
taitiano.

A nobreza
francesa fazia
roupas íntimas
de linho branco [*lin*
em francês], daí a
origem do nome
lingerie.



Um dos assuntos mais sérios da cultura francesa é, sem dúvida, o paladar. Trata-se de reinventá-lo num bistrô imaginário onde provérbios escalam as toalhas de mesas longilíneas e onde garrafas alongadas revelam palavras que guardaram, como o buquê de um vinho raro, seu gosto original – *bon-vivant, gourmet, sommelier, foie gras*. Há dezenas de outras palavras transparentes, como *quiche, croissant, champignon*, que aparecem na boca de um garçom que fala aos visitantes em monitores. Enfim, elaborar um cardápio onde se descobre que, em muitas palavras, o sentido deriva de um hábito, de uma forma ou de um movimento.



Provérbios: uma sabedoria milenar

Os provérbios acompanham a humanidade desde sempre: presentes na filosofia grega, entre os egípcios e os romanos, povoaram também o Oriente e se manifestam na contemporaneidade.

A formulação proverbial corresponde sempre a frases complexas e ao mesmo tempo sucintas, completas em si mesmas. Seu sentido sempre é *conotativo*, *empregado com a função de ensinar, aconselhar, consolar, advertir, repreender, persuadir ou até mesmo praguejar*. Assim, “Mais vale um pássaro na mão do que dois voando”, por exemplo, significa consensualmente que é melhor se contentar com aquilo que se tem do que correr o risco de perder isso ao procurar por mais. Esse sentido figurado diferencia o provérbio do ditado, em que o sentido é denotativo, como em “Quanto mais se tem, mais se quer”.

A criação de um provérbio observa as necessidades e os costumes de uma época e representa uma manifestação de alcance universal, podendo permanecer bastante frequentes, ser inovados ou cair em desuso. Embora haja provérbios ou ditados que não possuam equivalentes em outra língua, por refletirem tipicamente a cor local (como “Quem não gosta de samba, é ruim da cabeça ou doente do pé”, que não pode representar outra cultura senão a brasileira), de um modo geral, os provérbios originários de um povo podem ainda se adaptar a outros países e idiomas, cada um a sua maneira e cultura.

Aprender provérbios significa, portanto, reforçar a própria identidade nacional, mas a decodificação dessa linguagem figurada representa grande dificuldade para a criança, em se tratando da aquisição da língua materna, ou na aquisição de uma língua estrangeira, para adultos.

Quanto às equivalências entre o francês e o português, podem ocorrer casos de **equivalência literal**, como em *L’union fait la force* / “A união faz a força”, ou de **equivalência parcial**, como em *Le mensonge n’a pas de pieds* / “Mentira tem perna curta”. Há ainda formulações totalmente **diferentes**, por exemplo em *L’âne le plus mal bâti est celui du maître* / “Em casa de ferreiro, espeto de pau”.

Em ambas as culturas, pode haver provérbios **sinônimos** entre si (*L’air ne fait pas la chanson* e *L’habit ne fait pas le moine* / “A barba não faz o filósofo” e “O hábito não faz o monge”) ou **antônimos** (*On n’apprend pas à un vieux singe à faire des grimaces* e *On n’est jamais trop vieux pour apprendre* / “Papagaio velho não aprende a falar” e “Nunca é tarde para aprender”).



No que concerne à **capacidade intelectual**, franceses e brasileiros manifestam semelhantemente suas opiniões em provérbios como *C’est en faisant des erreurs (fautes) qu’on apprend* / “Errando se aprende”; *Plus on apprend, plus on ne sait rien* / “Quanto mais se aprende, menos se sabe”.

Os provérbios também transmitem os mesmos sábios conselhos para os dois povos, no que diz respeito ao **futuro** (*L’avenir est à Dieu* / “O futuro a Deus pertence”), e as mesmas palavras de **incentivo** (*Le soleil luit pour tout le monde* / “O sol nasceu pra todos”).

No âmbito dos **laços afetivos**, os ditos populares comprovam uma visão intercultural das relações entre casais e familiares (*L’amour apprend aux ânes à danser* / “O amor pode tudo”; *L’amour est aveugle* / “O amor é cego”; *La femme est l’âme du foyer* / “A mulher é o esteio do lar”; *Une hirondelle ne fait pas le printemps* / “Andorinha sozinha não faz verão”), ou entre amigos (*Les bons comptes font les bons amis* / “Amigos, amigos, negócios à parte”).

Franceses e brasileiros também podem ser igualmente cruéis ou condescendentes sobre as **consequências** dos atos de cada um. É o que constatamos com provérbios como *A quelque chose malheur est bon* / “Há males que vêm pra bem”; *Aux grands maux, les grands remèdes* / “Para grandes males, grandes remédios”; *Le vin est tiré, il faut le boire* / “Quem está na chuva é para se molhar”; *Plaie d’argent n’est pas mortelle* / “Só não há remédio pra morte”; *Qui sème le vent, récolte la tempête* / “Quem semeia vento, colhe tempestade”; *Qui va à la chasse perd sa place* / “Quem foi à feira, perdeu a cadeira”.

Merecem destaque as inter-relações das duas culturas sobre o famoso tema da **gastronomia**, como podemos verificar nos seguintes provérbios: *Ce qui ne tue pas fait grossir* / “O que não mata, engorda”; *L’appétit est le meilleur cuisinier* / “A fome é o melhor tempero”; *L’appétit vient en mangeant* / “Comer e coçar, é só começar”; *Qui dort dîne* / “O sono alimenta”; *Ventre affamé n’a point d’oreilles* / “Saco vazio não para em pé”; *Ventre plein, cerises amères* / “Pra quem traz barriga cheia, toda goiaba tem bicho”.

Em relação ao conteúdo que os provérbios expressam, é possível identificar quais **atitudes** e **comportamentos sociais** são incentivados ou desaprovados, tanto na França quanto no Brasil. Assim, encontramos a valorização das promessas (*Chose promise, chose due* / “Promessa é dívida”), das provas objetivas (*Il faut le voir pour le croire* / “É preciso ver para crer), do determinismo (*Bon sang ne peut mentir* / “Quem sai aos seus, não degenera”), do trabalho (*Le travail d’abord, le plaisir ensuite* / “Primeiro o dever, depois o prazer), da cautela (*Mieux vaut prévenir que guérir* / “É melhor prevenir do que remediar”), da persistência (*Petit à petit, l’oiseau fait son nid* / “De raminho em raminho, o passarinho faz o ninho”), da paciência (*Les jours se suivent et ne se ressemblent pas* / “Nada como um dia após o outro”), da caridade (*Qui donne aux pauvres, prête à Dieu* / “Quem dá aos pobres, empresta a Deus”).

Apesar, então, de todo um oceano a separar a França e o Brasil, a assertiva proverbial *Le monde est petit* / “O mundo é pequeno” atesta de fato uma importante aproximação entre os pensamentos mais arraigados dessas duas nações.



Para beliscar

CROQUETE.....R\$ »

Seu nome vem de sua casquinha crocante, na verdade, vem do francês *croquette*, língua na qual há o verbo *croquer*; ou seja, 'estalar na boca'.

CANAPÉ.....R\$ »

Na origem um tipo de sofá, daí dar nome ao tira-gosto que não precisa necessariamente ser comido à mesa, e sim na própria sala de estar.

QUICHE AUX CHAMPIGNONSR\$ »

Quiche: prato típico francês da região da Alsácia-Lorena, fronteira com a Alemanha. Deriva do *chen* (bolo, torta, molde) alemão. Seu surgimento na França data do século XVI, na cidade de Nancy. *Champignon*, por sua vez, é um tipo de cogumelo muito encontrado e cultivado na França. O *champignon de Paris* é pequeno, branco, de copa arredondada.

Pães

CROISSANT.....R\$ »

Tem esse nome pois em francês *croissant* significa crescente, ou seja, meia-lua.

BRIOCHER\$ »

Pequeno pão de massa muito delicada, de origem francesa, que lembra um cogumelo e pode receber os mais variados e apetitosos recheios.

PÃO FRANCÊS.....R\$ »

Até o fim do século XIX, o pão comum no Brasil era bem diferente, tinha miolo e casca escuros. Mas, na mesma época, em Paris, se consumia mais um pão curto com miolo branco e casca dourada. Membros de famílias ricas, que voltavam de lá, pediam a seus cozinheiros que reproduzissem a receita. O resultado é o pão francês brasileiro.

BAGUETTER\$ »

Pão branco de origem francesa, com formato longo (60 cm) e fino, pesando em torno de 270 g. Sua casca é crocante e seu miolo, macio.

Prato Principal

SUFLÊ R\$ »

Vem do termo francês *souffler*, ou seja, 'soprar, respirar', por isso nomeia um prato leve e fofo. O segredo é não deixá-lo perder o ar e murchar.

FONDUE..... R\$ »

Origina-se da palavra francesa *fondue*, 'fundido'. É um prato típico suíço, normalmente feito de queijo derretido, que surgiu devido à grande produção de queijo cujas sobras eram fundidas num grande caldeirão, acrescentando-se álcool, para conservar os queijos. Enquanto o preparavam, os suíços iam provando com pão, para determinar o tempero adequado. Não demorou muito para todos entrarem na brincadeira... *Réchaud - Réchauffer*, em francês, quer dizer 'esquentar, requeantar', daí o nome deste pequeno fogareiro usado para preparar pratos e sobremesas na frente do cliente ou para manter aquecidos os pratos servidos em bufê.

Sobremesa

CRÈME BRULÉE.....R\$ »

Literalmente significa 'creme queimado'. É um creme polvilhado de açúcar, cuja superfície é rapidamente queimada com uma salamandra. O resultado é um saboroso contraste entre a crosta caramelizada e o creme macio.

MUSSER\$ »

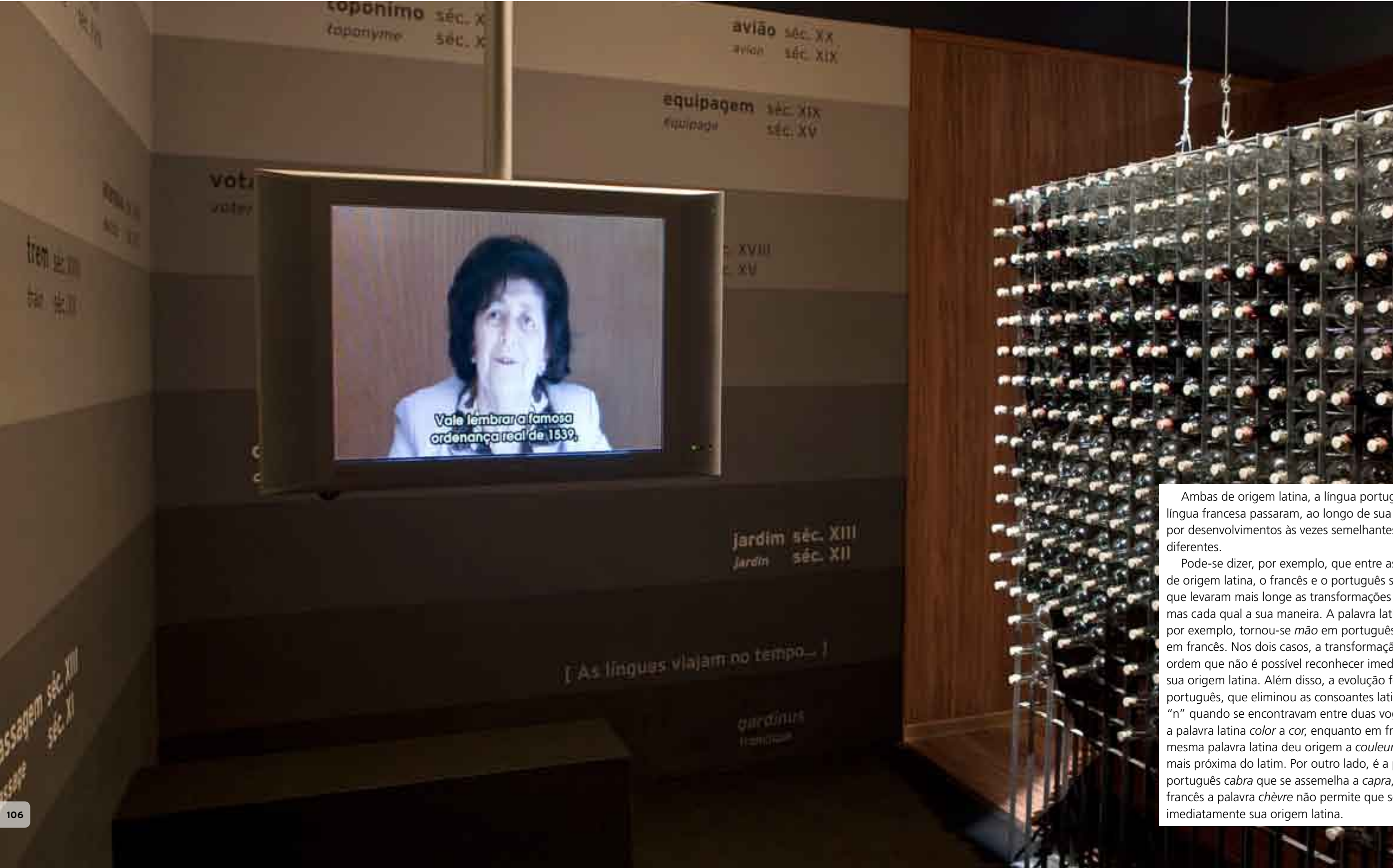
Mousse, em francês, significa 'espuma'. Esse prato de origem francesa, doce ou salgado, de textura leve, cremosa, parece mesmo uma espuma.

PAVÊ.....R\$ »

Poderia chamar-se 'paralelepípedo', pois vem da palavra francesa *pavé*, ou seja, 'pavimento de pedra'. Na culinária, significa torta doce ou salgada, ambas frias, geralmente quadradas ou retangulares.

PETIT-GÂTEAU.....R\$ »

Criado por acidente nos EUA, quando um aprendiz de chefe aqueceu demais o forno. Os clientes gostaram tanto da receita que ela se popularizou nos restaurantes de Nova Iorque, nos anos 1990, chegando ao Brasil em 1996. O *petit gâteau* é provavelmente uma invenção norte-americana, pois, em francês, significa qualquer 'pequeno bolo' e é uma sobremesa desconhecida na França; onde existem, contudo os populares doces *fondant* (que se funde) ou *moelleux* (mole) de chocolate.



Ambas de origem latina, a língua portuguesa e a língua francesa passaram, ao longo de sua história, por desenvolvimentos às vezes semelhantes, às vezes diferentes.

Pode-se dizer, por exemplo, que entre as línguas de origem latina, o francês e o português são aquelas que levaram mais longe as transformações fonéticas, mas cada qual a sua maneira. A palavra latina *manus*, por exemplo, tornou-se *mão* em português e *main* em francês. Nos dois casos, a transformação foi de tal ordem que não é possível reconhecer imediatamente sua origem latina. Além disso, a evolução fonética do português, que eliminou as consoantes latinas “l” e “n” quando se encontravam entre duas vogais, reduziu a palavra latina *color* a *cor*, enquanto em francês a mesma palavra latina deu origem a *couleur* em francês, mais próxima do latim. Por outro lado, é a palavra do português *cabra* que se assemelha a *capra*, enquanto em francês a palavra *chèvre* não permite que se reconheça imediatamente sua origem latina.

Uma origem comum

Em 218 a.C., os romanos se instalam na província da Lusitânia, que se tornará Portugal. Aproximadamente na mesma época (210 a.C.), fundam também a província Narbonensis, ao sul da Gália – hoje França –, que corresponde a uma parte da atual região da Provence. As legiões romanas trarão consigo, em ambos os casos, a língua latina, que logo será adotada pelas populações locais, sobretudo no momento de expansão do cristianismo.

A Idade Média

Diante de novos contatos entre populações que não falavam a mesma língua, o latim transforma-se em vários dialetos, ou seja, dá origem a diversas variações linguísticas, e que se transformarão, mais tarde, nas línguas latinas, dentre as quais o francês e o português.

Contribuições desiguais do antigo germânico

Ainda na Idade Média, com as invasões germânicas, essa língua latina recém-implantada receberá várias contribuições linguísticas: na Gália, contribuições dos francos, dos alamanos, dos burgondos e dos visigodos; na Hispânia, dos suevos, dos vândalos e dos visigodos. Mas apenas alguns empréstimos foram os mesmos dos dois lados, dentre os quais encontram-se:

- » verbos, como *garder* em francês, *guardar* em português, ou *gagner* em francês, *ganhar* em português;
- » substantivos, como *jardin* em francês, *jardim* em português, ou ainda *guerre* em francês, *guerra* em português;
- » adjetivos, como *riche* em francês, *rico* em português.

Mas foi na língua francesa que houve uma influência germânica maior. Os francos, sobretudo, deram inclusive seu nome à língua francesa e também ao país, chamado desde então de França. Além disso, a maioria dos nomes de cores francesas – por exemplo *bleu*, *blanc*, *blond*, *gris*, *brun* (azul, branco, louro, cinza e moreno, respectivamente) – veio também do germânico. A maioria das quais não se usa em português.

Ainda que em menos quantidade, há também palavras de origem germânica em português. Vieram da língua dos visigodos, por exemplo luva (*gant*, em francês) ou ganso (*oie*, em francês). Além disso, nomes próprios germânicos como *Fernando*, *Gonçalo*, *Afonso* ou *Álvaro* datam também da época dos visigodos.

Empréstimos do árabe

Com a chegada, em 711, na península ibérica, das populações falantes do árabe, dessa vez é o português que passará, muito mais do que o francês, por um enriquecimento de seu vocabulário.

Algumas palavras árabes, contudo, entraram nas duas línguas, mas adquiriram formas diferentes:

coton em francês » *algodão* em português,
sucre em francês » *açúcar* em português,
sorbet em francês » *sorvete* em português,
zéro em francês » *zero* em português,
carafe em francês » *garrafa* em português.

É importante notar que se *carafe* e *garrafa* vêm da mesma palavra, elas não designam o mesmo objeto nas duas línguas: uma *carafe* é um frasco específico, com a base mais larga, que se afina mais em cima, antes de alargar-se novamente, diferentemente da *garrafa*, que se diz *bouteille* em francês.

A mesma reflexão pode ser feita em relação à palavra *sorvete*, que em português designa todos os tipos, enquanto em francês *sorbet* significa apenas aqueles que são à base de fruta e água, sem leite ou creme. Já uma *glace*, ou *crème glacée*, nunca é feita à base de água.

Em revanche, uma grande quantidade de elementos lexicais – centenas deles – presente em português não entraram na língua francesa, por exemplo: *azeite*, *azeitona*, *aldeia*, *alfândega*, *até*.

Formas populares e formas cultas: palavras afins

Diante das modificações cada vez mais profundas desse latim cada vez menos reconhecível, houve uma reação nos meios eruditos e, como todas as outras línguas românicas, o francês e o português, depois de ter evoluído separando-se do latim, passaram por uma relatinização de seu vocabulário, que deu origem ao fenômeno conhecido como palavras afins, ou seja, palavras de raízes latinas das quais uma forma evoluiu livremente e outra foi cunhada a partir do latim clássico. Assim, em francês:

- » *droit* é uma forma livre, enquanto *direct* é uma retomada do latim clássico *directus*;
- » *froid* é também uma forma livre, enquanto *frigide* é uma retomada do latim clássico *frigidus*;
- » *poison* é uma outra forma livre, enquanto *potion* é uma retomada do latim *potionem*.

Da mesma forma, em português, a palavra latina *palatium* existe tanto como *paço*, de evolução livre, quanto *palácio*, retomado do latim.

Mas não se deve esquecer que as palavras afins possam ser usadas indiferentemente uma no lugar das outras. Em português, *paço* relembra usos arcaicos, enquanto *palácio* é corrente. Em francês, uma pessoa *froide*, pouco comunicativa, não é o mesmo que uma pessoa *frigide* (sexualmente), diferença que, aliás, existe também em português entre uma pessoa *fria* e uma pessoa *frígida*. Enfim, um *poison* (veneno) mata, mas, em princípio, uma *potion* (poção) cura.

Os primeiros textos

Em francês, o primeiro texto poético conhecido é *Cantilena de Santa Eulália*, que chegou até nós por meio de um manuscrito do final do século IX (881), no qual formas antiquíssimas do francês misturam-se a marcas regionais do picardo e do valão.

Será contudo necessário esperarmos a Renascença para que o português e o francês floresçam.

Durante toda a Idade Média, o português e o galego são ainda a mesma língua, chamada de galego-português, veículo de uma prestigiada poesia lírica. Por volta do século XIV, o português separa-se do galego e produz obras em prosa, das quais um dos melhores exemplos é a *Crônica Troiana*. Nesse momento, o galego deixa de ser uma língua literária, mantendo-se contudo viva e em uso oralmente, enquanto o português passa a se desenvolver.

Línguas que se afirmam

É no século XVI que aparece o primeiro dicionário da língua francesa, elaborado por John Palsgrave: *Lesclarcissement de la Langue Françoys*e (1530). Vem em seguida, em 1539, o *Dictionnaire François-Latin*, de Robert Estienne, e não é por acaso que sua data de publicação coincide com a Ordonnance de Villers-Cotterêts, que impunha, no lugar do latim, o uso do francês em todos os textos escritos administrativos. Praticamente na mesma época (1536) aparece a primeira gramática portuguesa, a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, de Fernão de Oliveira. Um pouco mais tarde, surgem os dicionários bilíngues português-latim, mas o primeiro dicionário especificamente dedicado ao português, de autoria de Antônio de Moraes Silva, só será publicado bem mais tarde, em 1789. Esse dicionário é considerado o precursor de todos os dicionários da língua portuguesa e é o testemunho do surgimento de uma identidade portuguesa, emancipada do latim. Note-se também que o francês teve um papel importante na afirmação do português em relação à língua de seus vizinhos, o castelhano.

Duas línguas amigas, que muito se transformaram

Antes mesmo da chegada do português ao Brasil, como constatamos, a evolução das duas línguas se deveu com frequência ao contato com outras línguas, das quais fizeram empréstimos lexicais, ainda que em proporções diferentes. A criação da Academia Francesa no século XVII e da Academia Brasileira no século XIX é um testemunho da importância que é dada às duas línguas em seu mais alto nível.

Duas academias irmãs

O primeiro dicionário inteiramente dedicado à língua francesa foi o de Richelet, publicado em 1680, dezesseis anos antes daquele do Dicionário da Academia Francesa.

Esta última foi criada em 1635, por personalidades interessadas em “trabalhar com todo o cuidado e toda a diligência possível para criar regras certas para nossa língua e torná-la pura, eloquente e capaz de tratar das artes e das ciências” (*Statuts*, 1635).

Criada no dia 20 de julho de 1897, a Academia Brasileira de Letras teve como modelo a Academia Francesa. Ela é composta de 40 membros “imortais”, aos quais se somam 20 “correspondentes estrangeiros”.

O inglês superstar

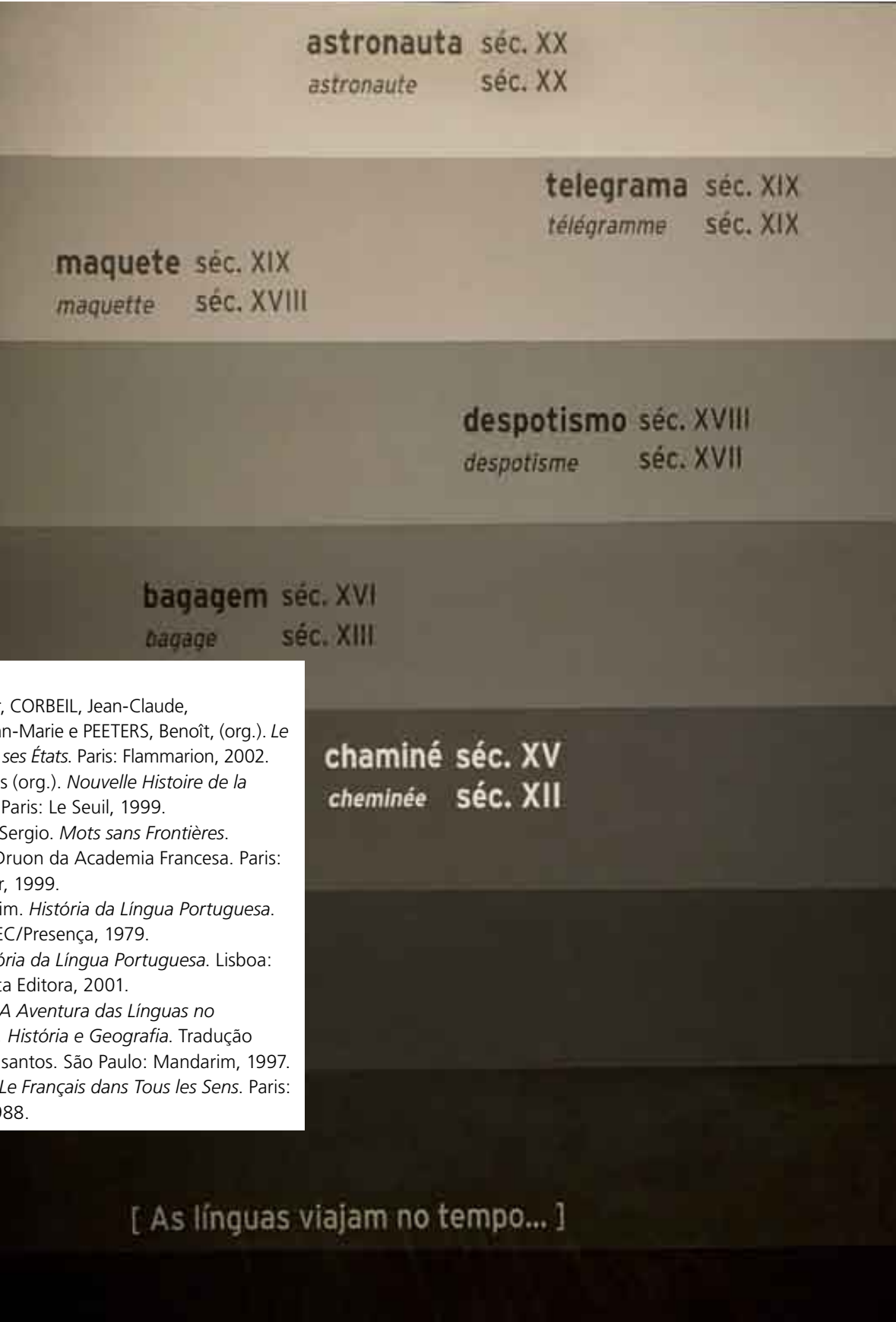
Mas, há mais de meio século, é uma outra língua, o inglês, que se torna a principal fonte de empréstimos tanto para o francês como para o português: *design*, *strip-tease*, *vip*, *stop*, *quiz*, *camping*, *parking*, *lifting* são termos frequentemete utilizados em ambas as línguas. Há, contudo, anglicismos usados apenas no Brasil; por exemplo, *laptop*, muito usado por brasileiros, mas inexistente na França, onde se diz *portable* ou *ordinateur portable*. Há ainda *chip*, termo inglês de informática que, em francês, é representado pela palavra *puce*.

Há, além disso, na França, um dispositivo de enriquecimento da língua que, por meio de mais de vinte comissões de terminologia e neologia, tem por missão encontrar denominações e elaborar, em colaboração com a Academia Francesa, definições para noções ou objetos novos. Assim, *walkman*, muito usado no Brasil, foi substituído por *baladeur*. Da mesma forma, *e-mail*, tomando como exemplo o que se faz hoje no Quebec, foi substituído por *courriel* (abreviação de *courrier électronique*). Na área da informática, propostas foram feitas pelas comissões de terminologia para evitar as modas como as do *e-book* ou *e-learning*, propondo, em seu lugar, termos como *livres en ligne* ou *apprentissage en ligne* (livros *online* ou aprendizagem *online*). Essas sábias recomendações vão realmente surtir efeito?

De todo modo, influenciadas ou não pelo inglês, as línguas portuguesa e francesa têm demonstrado que estão prontas para se adaptar, sem cessar as necessidades constantes de um mundo em movimento.

Para saber mais:

CERQUIGLINI, Bernar, CORBEIL, Jean-Claude, KLINKENBERG, Jean-Marie e PEETERS, Benoît, (org.). *Le Français dans Tous ses États*. Paris: Flammarion, 2002.
CHAURAND, Jacques (org.). *Nouvelle Histoire de la Langue Française*. Paris: Le Seuil, 1999.
CORRêa da COSTA, Sergio. *Mots sans Frontières*. Prefácio Maurice Druon da Academia Francesa. Paris: éditions du Rocher, 1999.
NETO da Silva, Serafim. *História da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: MEC/Presença, 1979.
TEYSSIER, Paul, *História da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 2001.
WALTER, Henriette. *A Aventura das Línguas no Ocidente. Origem, História e Geografia*. Tradução Sérgio Cunha dos santos. São Paulo: Mandarin, 1997.
WALTER, Henriette. *Le Français dans Tous les Sens*. Paris: Robert Laffont, 1988.



NERA
APARECIDA
DISCUT & PORCELANAS
KAROLINE

CINE
GLAMOUR
- pho superior

CHEZ MICHOU
"REI DA EMPADAS"
- pho superior

casa de cafés
PARISIENE

Lumiere
Lustros

CASA DE CARNE
- pho superior

VOYEUR
ÓPTICA
MODERN DELI GRILL

HOTEL
Fleme
R. ANTONIO PINTO N. 24

CHARNE
- pho superior

IRACEMA
SOUVENIR
SOBRE LOJAS - TEL. 14528620

PADARIA
Village
- pho superior

MOLDURAS
MONET

CHRO DO
- pho superior

YANG
Lingerie
- pho superior

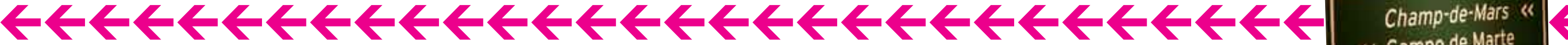
YANG
- pho superior

YANG
- pho superior

AS - CANTINHA CA - CANTINHA DE CANTINHA



Ficha técnica





Produção

manga
ideia

Copatrocinio

imprensaoficial

Realização

França.Br 2009



ORGANIZAÇÃO
POIESIS
SOCIAL
DE CULTURA



Apoio do *Comité des Mécènes*:



Apoio cultural: